

EDUCAÇÃO



em linha

REVISTA ELETRÔNICA BIMENSAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Ano I n.º 1



**Descobrimientos,
encobrimientos?**

**A escola e o
meio ambiente**

**Sobre os professores
e as cozinheiras**

**As lições da
literatura brasileira**

**Falada, escrita,
mal dita**

**Conto, canto
e encanto**

Governador	Sergio Cabral
Vice-governador	Luiz Fernando Souza
Secretário de Estado de Educação	Nelson Maculan Filho
Subsecretário de Planejamento da Educação	Subsecretário de Rec. Humanos e Tecnológicos
Godofredo de Oliveira Neto	Celso Carneiro Ribeiro
Subsecretário de Gestão da Educação	Chefe de Gabinete
Lucia Venina de Mattos Almeida	Marilson dos Santos Santana
Editores	Helenice Valias e John Wesley Freire

AGRADECIMENTOS

A Angela Kleiman, Angela Lopes, Eduardo Bueno, Eva Furnari, Laura Sandroni, Maria Lúcia de Moura Iwanow, Paulo Roberto Pereira, Rubem Alves, Vera Lúcia Follain Figueiredo, pela graciosa cessão de textos e imagens.

Ao SNEL, e às editoras Ática, Objetiva, Papirus e Record; à Agência Riff, de Luis Fernando Veríssimo, e à Arruda & Zamarion, de Oswald de Andrade, por terem facilitado a articulação com seus autores e a publicação, sem ônus, de seus textos. Ao jornal *Leia*, não mais em circulação, de onde colhemos o sensível artigo de Italo Calvino, para mensagem aos professores.

A Maria Regina Leitão, por sua arte.

Aos colegas da SEE/RJ, que com entusiasmo e sem se afastarem de suas tarefas participaram desta edição: Ana Lopes, Antonio Silvério Cardinot de Souza, Carlos Bahiana, Edwiges Rosalia Ferreira, Luiz Fernando Bessa Seibel, Rafael Carneiro Monteiro e Regina Chalub.

SUMÁRIO

ALÔ, PROFESSOR

03 PALAVRA DO SECRETÁRIO

04 PALAVRA DO SECRETÁRIO

05 EDITORIAL

EDUCAÇÃO EM DIÁLOGO

06 SOBRE OS PROFESSORES E AS COZINHEIRAS

ENCONTROS COM A LITERATURA

10 LIÇÕES DE LITERATURA BRASILEIRA

LEITURA, LEITURAS

12 DESCOBRIMENTOS...ENCOBRIMENTOS?

NOSSA BIBLIOTECA

17 A NECESSIDADE-PAZ DA LEITURA

20 RESENHA DE LIVRO INFANTIL

21 RESENHA

REDAÇÃO OFICIAL AO SEU ALCANCE

22 OFÍCIO, CARTA E CIRCULAR

27 FALADA, ESCRITA, MAL DITA

NÃO TROPECE NA GRAMÁTICA

29 REGISTRO LINGÜÍSTICO E ADEQUAÇÃO DO VOCABULÁRIO

31 FORMAS DE TRATAMENTO, ABREVIATURAS E VOCATIVOS

A TERRA, NOSSA CASA

33 A ESCOLA E O MEIO AMBIENTE

CONTO, CANTO E ENCANTO

36 OS SETE PECADOS

40 ESTEJA LEGAL

41 FALA, PROFESSOR

PALAVRA DO SECRETÁRIO

Ao aceitar o honroso convite do Governador Sérgio Cabral para conduzir a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, prevíamos o gigantesco e diuturno desafio que nos aguardava.

Nesses seis meses à frente da pasta da Educação, vimos buscando, incessantemente, caminhos que pudessem tornar o mister do professor, responsável maior pelo processo ensino-aprendizagem, mais profícuo e capaz de subverter as dificuldades que se apresentam neste início de milênio.

Se dispomos de meios propícios a facilitar a comunicação entre os envolvidos no processo, e contamos com a criatividade como força propulsora de ação que renove, cremos que a idéia de oferecer a educadores e educandos da nossa rede estadual de ensino um instrumento que nos ligue a todos – ultrapassando as limitações de tempo e espaço – permite a troca de riqueza dos que pensam e fazem da educação e da cultura riqueza maior para o desenvolvimento do ser humano.

Educação em Linha, que ora iniciamos, reúne pensamentos, palavras e imagens, cuidadosamente colhidas e criadas, para tornar a tarefa pedagógica menos rotineira e mais prazerosa. Ao apoiar o professor com recursos facilmente acessáveis, esperamos possa ele potencializar seu trabalho em sala de aula, permitindo-lhe torná-lo lúdico, portanto de fácil e agradável assimilação.

Ao professor como cidadão, profissional e servidor público, procuraremos subsidiar com informações úteis e atualizadas sobre as questões que lhe são diretamente afetas. Por exemplo, vamos beneficiar a categoria, que há mais de 10 anos luta por um direito previsto no Plano de Carreira do Magistério Público Estadual e até hoje não havia sido atendida: a Secretaria de Estado de Educação vai pagar a 8 mil docentes, de acordo com seus níveis de titulação (curso Normal, graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado).

Ao optarmos pelo meio eletrônico de divulgação, consideramos a praticidade, a acessibilidade e o alcance das mensagens. Nosso entendimento de inclusão digital não se restringe a adquirir modernos equipamentos, seguindo modismos. Nossa concepção pretende tornar o computador, efetivamente, instrumento útil e eficaz de trabalho. Ao mesmo tempo, este meio nos permitirá transcender as fronteiras do estado fluminense: qualquer professor ou aluno de cultura lusófona poderá partilhar dessa experiência, que almejamos seja venturosa.

Assim ampliaremos os conceitos de navegação e descoberta, encetadas por povos que se aventuraram “por mares nunca dantes navegados”.

Nelson Maculan Filho
Secretário de Estado de Educação /RJ

PALAVRA DO SUBSECRETÁRIO

Bertrand Russell, no prólogo de sua autobiografia – *Para que Vivi* –, afirma que três simples, mas muito fortes paixões, governaram sua vida: a disponibilidade para o amor, a busca do conhecimento, e uma inesgotável piedade pelo sofrimento da humanidade.

Acredito firmemente que estas três paixões movem o professor. Não somos professores se não estamos permanentemente em busca de conhecimento, se não acreditamos no outro, na diversidade, na ressocialização, na inclusão, no futuro, e na humanidade.

É com esse sentimento, e reconhecendo o valor do professor e a importância da educação que nós, professores que hoje estamos na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, lançamos a *Educação em Linha*, editada pelos professores Helenice Valias e John Wesley Freire, que tiveram a gentileza de aceitar a tarefa e aos quais presto as minhas

homenagens.

Publicação eletrônica inserida no Portal da Secretaria, pretende ser uma revista do professor para o professor e seus alunos. Trata-se de um espaço sempre em construção: aqui buscaremos oferecer-lhe seções interessantes, matérias que, além de estimular a reflexão sobre temas inerentes à educação e à cultura, também poderão ser de utilidade para o trabalho e a vida cotidiana.

A revista é sua, professor. No espaço que lhe é reservado, manifeste sua opinião quanto aos assuntos que permeiam e afetam nossa vida pessoal e, sobretudo, profissional. Contamos com sua colaboração, sua crítica e, enfim, com sua presença, para que possamos realizar nosso objetivo maior: produzir, *em diálogo*, uma revista que seja, para todos os professores, estímulo e apoio às ações que movem nossas três grandes paixões.

Godofredo de Oliveira Neto
Subsecretário de Planejamento da Educação

EDITORIAL

Entregamos aos colegas professores a revista eletrônica de cunho educativo-cultural *Educação em Linha*, inserida no portal da SEE/RJ, gestada e desenvolvida na Subsecretaria de Planejamento da Educação.

Ao empregar este meio eletrônico, objetivamos chegar a locais que dificilmente alcançaríamos pela edição impressa, cuja distribuição física tem sido dos principais obstáculos à difusão de textos, imagens, idéias e ideais.

O primeiro número é fruto da colaboração de professores, escritores, ilustradores e outros especialistas que, convidados, a nós se juntaram sem nada exigir em troca, embarcando conosco no que poderia parecer uma quimera. A todos agradecemos, esperando ampliar o número de colaboradores a partir da segunda edição.

A revista, inicialmente, foi concebida com onze seções. *Alô, professor* apresenta mensagens de autoridades da Secretaria para o professor. *Educação em Diálogo* expõe artigos que refletem sobre o tema educação. *Encontros com a literatura* difunde textos em prosa e poesia, artigos de crítica literária, incluindo entrevistas com escritores. *Leitura, leituras* promove abordagens, sob diversos prismas, de temáticas histórica, ética, filosófica, etc.

Em *Nossa Biblioteca*, especialistas resenham títulos, abrangendo de literatura infantil e juvenil a obras

de referência, de interesse para o professor.

Na seção *Redação oficial ao seu alcance* se divulgam modelos de documentos, utilizados na comunicação intra e inter órgãos governamentais, com base no *Manual de redação oficial do Estado do Rio de Janeiro*, em vigência. Como complemento, para solucionar dificuldades que a todos atingem, *Não tropece na Gramática* introduz a revisão de tópicos gramaticais, atualizando em Língua Portuguesa os professores e demais interessados de todas as áreas.

A Terra, nossa casa tem enfoque nas relações do ser humano com o meio ambiente, inclusive no dia-a-dia da escola. *Conto, canto e encanto* difunde histórias, material de pesquisa e atividades infantis e juvenis, acessíveis a professores e alunos. Sob o título *Esteja legal* divulgam-se informações gerais sobre legislação funcional e administrativa, bem como resoluções e procedimentos administrativos, permitindo que a seção constitua uma espécie de "D.O. da Educação". Por fim, *Fala, professor* é um convite à troca de idéias, a sugestões de temas e a comentários dos colegas à revista.

Helenice Valias e
John Wesley Freire
Editores

EDUCAÇÃO EM DIÁLOGO

Colega Professor,

Esta seção foi pensada a partir de nossa experiência comum na sala de aula. Constitui-se de textos de educadores que conceberam o processo educativo como interação de todos os sujeitos nele envolvidos. Servirá como suporte à sua atividade reflexiva e ao seu desenvolvimento profissional permanente, sugerindo-lhe tecer, nesse diálogo constantemente tenso com a palavra alheia, as próprias palavras de compreensão do mundo.

Assim, você poderá não só construir mundos para si e para os que compartilham do processo de educação, mas tornar-se aquele que se educa na ação cotidiana de educar, e o que se cultiva enquanto reinventa formas de cultivar. Educar, aí, não será preparar para a vida, será a própria vida.

SOBRE OS PROFESSORES E AS COZINHEIRAS

Olho para a educação com olhos de cozinheira e me pergunto: que comidas se preparam com os corpos e mentes das crianças e adolescentes nesses imensos caldeirões chamados escolas?

*Ridendo dicere severum.
(Brincando, dizem-se coisas sérias.)
Nietzsche¹*



Foto J.W. Freire

Antes de dizer o que tenho a dizer sobre educação sinto necessidade de dar aos meus leitores uma informação sobre minha idade. Sei que isso pode parecer irrelevante, de um ponto de vista científico, pois para a ciência a verdade não tem idade. Mas eu não sou um cientista. Apenas sigo um conselho de Kierkegaard², que dizia que “a pessoa que fala sobre a vida humana, que muda com o passar dos anos, deve ter o cuidado de declarar sua idade aos seus leitores”. Isso para que os leitores, conscientes do tipo de olhos que estão

sendo usados por aquele que escreve, possam fazer os devidos ajustamentos nos seus próprios olhos.

(O mundo, visto através de um olhar matinal, não é o mesmo, quando visto através de um olhar crepuscular. Uma linda ilustração deste fato se encontra nas telas de Monet³, que pintava o mesmo monte de feno muitas vezes, pelas diferentes horas do dia: sob cada luz diferente o monte de feno se transformava em outra coisa. Meu olhar é crepuscular.)

É possível que Barthes⁴ tenha lido Kierkegaard, pois o fato é que, ao final de sua *Aula*, ele confessa que o seu jeito de pensar decorria do momento crepuscular em que vivia. Partindo dessa confissão, ele descreve os três momentos na vida de um professor.

Há um tempo na vida em que o professor ensina aquilo que sabe: transmite aos seus alunos os conhecimentos sedimentados, as receitas que a experiência passada testou e

aprovou. Vem depois o tempo em que o professor ensina o que não sabe. Havendo navegado por muitos mares, o professor se encontra com o aluno, que lhe diz: “Quero navegar naquele mar!” – e ao dizer isso aponta para um vazio nos mapas que pendem na parede. “Aquele mar eu não conheço” – responde o professor. “ Nunca fui lá. Mas posso lhe dar um saber que o ajudará a se aventurar pelo desconhecido...” É o tempo da pesquisa. Na pesquisa o mestre ensina o que não sabe.

Mas aí, surpreendentemente, Barthes anuncia que a passagem do tempo o fizera chegar a um novo momento: o momento de esquecer e desaprender os saberes que o passado sedimentara sobre o seu corpo. Esquecer e desaprender, a fim de chegar a um saber esquecido, *sapientia*, que quer dizer: nada de poder, uma pitada de saber, uma pitada de sabedoria, e o máximo de sabor possível. É possível tomar essa confissão de Barthes como manifestação da suave loucura que, freqüentemente, se apossa dos velhos. Ou é possível ouvir nele o barulho das asas da coruja de Minerva⁵, levantando vôo ao crepúsculo, tal como Hegel⁶ profetizara: Barthes, o sábio.

Sábio se prende etimologicamente a “sapio”, eu saboreio, e *sapientis* é conhecimento saboroso. Barthes, ao ficar velho, libertava-se da maldição ocular da filosofia denunciada por Bachelard⁷, um jeito de pensar a partir do olhar, pensar para ver – e se transferia para o lugar do sabor: a boca. Filosofar a partir da boca, pensar para ter prazer...

(Atrevo-me, assim, sob a proteção da velhice, a confessar que o meu pensamento sobre a educação, à semelhança do pensamento de Barthes, se faz a partir do lugar onde o prazer é preparado: a cozinha...)

Se, aos que só sabem pensar de maneira ocular, tal proposta parece ser coisa não séria, lembro que as semelhanças entre processos da inteligência, aos quais a educação se liga, e processos digestivos já foram amplamente reconhecidos por filósofos respeitáveis. Lembro-me de que entre eles estão Santo Agostinho⁸, Nietzsche, Ludwig Feuerbach⁹, que chegava ao ponto de afirmar que “somos o que comemos”. E bem no nosso quintal se encontra o movimento antropofágico, que propunha uma teoria de assimilação cultural, de educação, portanto, à semelhança de canibalismo.



Foto: J.W.Freire

As especialistas nos prazeres da boca são as cozinheiras. Gostaria de, preguiçosamente, poder me dedicar a fazer “meditações sobre o método culinário”, implícito na opção filosófica de Barthes, mas espaço de jornal mais se parece com espaço de lanchonete, em nada parecido

aos salões de banquetes da Babette¹⁰ e da Tita. É preciso ser breve. O pensamento da cozinheira se inicia com um sonho de amor. Babette e Tita queriam matar de amor aqueles que iriam provar a sua comida. Eram especialistas no kamasutra¹¹ da mesa. Não comendo, mas apenas provando a comida que preparavam, elas se alimentavam da pura fantasia do prazer que os convidados iriam ter. É com este sonho que se inicia o preparo do banquete, muito antes de qualquer coisa prática seja feita. O sonho, apossando-se magicamente do corpo, convoca a inteligência, a razão prática para o trabalho. A inteligência é a Bela Adormecida: só acorda do seu sono quando tocada por um beijo de amor.

(Assim são os corpos das crianças e dos adolescentes, castelos de muitos quartos, em cada um deles dormindo uma inteligência, à espera de alguém que as acorde.)

Acordada, a inteligência se põe a trabalhar para realizar o sonho. A ciência é serva do amor. Isso é a essência da minha filosofia de educação.

(Blake¹² disse que “o prazer engravida; o sofrimento faz parir”. O trabalho de produção do objetivo do amor é o sofrimento alegre do parto, que se iniciou com o prazer da concepção.)

Assim, pois, as cozinheiras, mestras, resumem a sua filosofia: o *sabor*, o prazer, é o objetivo da vida, o fim de todas as coisas. Para ele vivemos. O *saber*, a ciência das receitas e dos utensílios, é apenas o meio necessário e indispensável para o fim último do prazer. Isto que digo da filosofia das cozinheiras Santo Agostinho, quinze

séculos atrás, o disse teologicamente sobre a vida inteira. Todos os objetos do mundo, ele diz, se dividem em duas classes. De um lado está a *classe das utilidades*: utensílios, ferramentas, panelas, facas, canetas, martelos, a técnica, as receitas, o conhecimento. Esses objetos, úteis e indispensáveis, são apenas *meios e pontes*. Por isso, não nos dão felicidade.



Foto: J.W.Freire

De outro lado está a *classe dos objetos de fruição*, que nos dá prazer: a fruta, a sonata, o poema, o quadro, o pôr-do-sol, o beijo. É o mundo do sabor. Esses são os objetos que nos dão felicidade. Para eles vivemos. São o propósito da vida. Olho para a educação com olhos de cozinheira e me pergunto: que comidas se preparam com os corpos e mentes das crianças e adolescentes, nesses imensos caldeirões chamados escolas? Porque educação é isso: um processo de transformações alquímicas que acontece pela magia da palavra. Que prato se pretende servir? Que sabor está sendo preparado?

Reconheço a hipertrofia da *classe das utilidades*: teses sem fim sobre os mecanismos psicológicos, sociais, econômicos e políticos da educação, uma

infinidade de métodos para o controle de qualidade e avaliação de aprendizagem e uma exuberância da parafernália tecnológica (ah, o fascínio dos micros!) a ser usada no ensino.



Foto: J.W.Freire

Mas as panelas não garantem a qualidade da comida. Os meios não resolvem os fins. Para que se educa? Por que enviamos nossos filhos às escolas? Responde a nossa filosofia econômica que é para formar bons profissionais, para que os jovens consigam se encaixar no mercado de trabalho. Mas isso equivale a dizer que o objetivo da educação é transformar crianças e adolescentes em ferramentas, utensílios, objetos úteis. Pois é isso que é um profissional: um corpo que foi transformado em ferramenta. Mas isso não pode ser o objetivo da educação. Como disse o professor do filme *A Sociedade dos Poetas Mortos*, engenharia, medicina, química, eletrônica e saberes semelhantes são coisas boas, *meios* para se viver. Mas estes saberes não nos dão *razões* para viver.

É isso que aprendi das cozinheiras: que é preciso pensar a partir do fim. E é isso que não vejo acontecendo. Sabemos muito sobre a ordem dos *meios*. Pouco ou nada sabemos sobre a ordem dos *fins*. É compreensível. Para se pensar nos fins é preciso ser sábio. Mas sabedoria é coisa fora

de moda, da qual os próprios filósofos se envergonham. Coisa da velhice, o momento da coruja de Minerva...

Rubem Alves

Psicanalista, Professor aposentado da Unicamp
Autor de *Histórias de quem gosta de Ensinar* e outros
In *O Estado de São Paulo*, 11/06/95

- ¹ NIETSCHE, Friederich (1844-1900) alemão, filósofo. Sua moral é baseada na energia vital e na vontade do poder.
- ² KIERKEGAARD, Sören, (1813-55), dinamarquês. Filosofia com visão pessimista da existência.
- ³ MONET, Claude(1840-1926), francês, pintor impressionista.
- ⁴ BARTHES, Roland (1915-80), francês, escritor. Obras sobre lingüística, psicanálise e antropologia.
- ⁵ Coruja de MINERVA – coruja da deusa da sabedoria romana. Em Atenas a deusa era conhecida por *Palas Atena*.
- ⁶ HEGEL, Friedrich (1770-1831), alemão, filósofo. Identifica o *ser* e o *pensamento* como um princípio único, a *idéia* (tese, antítese, síntese).
- ⁷ BACHELARD, Gaston (1884-1962), francês, autor de filosofia das ciências e psicanálise geral.
- ⁸ SANTO AGOSTINHO (354-430), italiano, filósofo e teólogo. Buscava conciliar o *platonismo* com o *dogma cristão*, influenciando a teologia ocidental .
- ⁹ FEUERBACH, Ludwig (1804-72), alemão, filósofo materialista.
- ¹⁰ BABETTE – personagem do filme dinamarquês *A festa de Babette*, refugiada política francesa que gasta toda a sua herança preparando um jantar, verdadeira obra de arte, em homenagem aos que lhe deram asilo.
- ¹¹ KAMASUTRA – tratado indiano sobre as formas do amor físico.
- ¹² BLAKE, Willian (1757-1827), inglês, autor que, com sua obra, prenuncia o Romantismo.

ENCONTROS COM A LITERATURA

Colega Professor,

Nesta seção você encontrará páginas da nossa literatura, comentadas por estudiosos dos autores selecionados. O intuito é proporcionar-lhe, pelo olhar analítico de especialistas, a possibilidade de leitura mais crítica do texto literário, além da que habitualmente realiza.

AS LIÇÕES DA LITERATURA BRASILEIRA

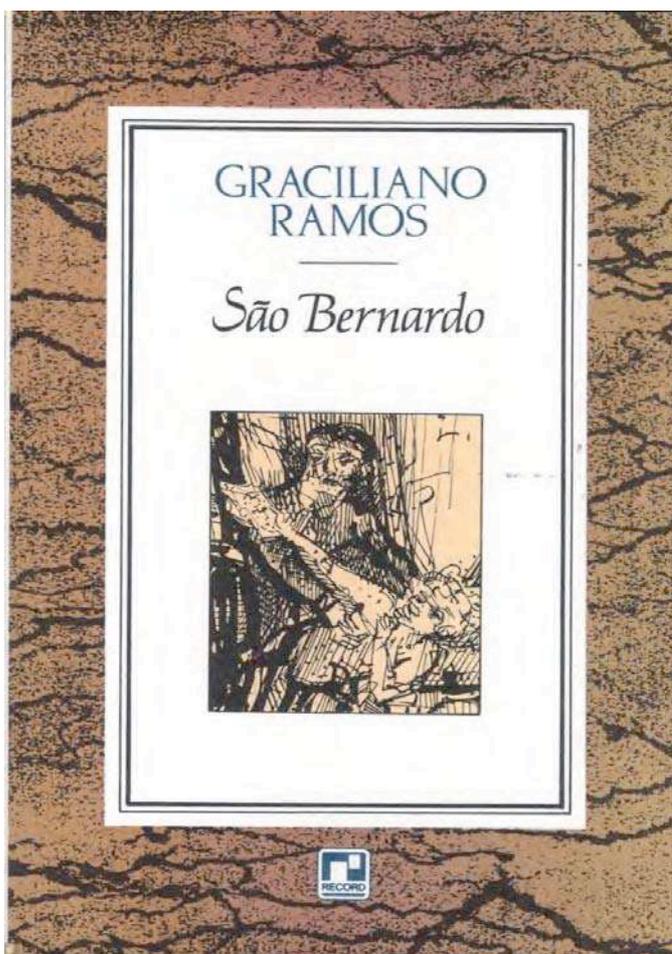
*O novo mundo
produziu o homem
serafiniano, cujo eixo é
a riqueza mal
adquirida. (...) No
mundo atual, Serafim
traz duas razões: o
bom câmbio e a
ignorância audaz.*

Oswald de Andrade
In Prefácio de *Serafim
Ponte Grande*



Em alguns aspectos pode-se dizer que o modernismo literário brasileiro dos anos 30 difere substancialmente da literatura dos anos 20. Um exemplo bastante conhecido é o prefácio de *Serafim Ponte Grande*, de 1933, no qual Oswald de Andrade reconhece ter sido até então um instrumento útil à manutenção do conservadorismo no Brasil. E Oswald era dos que propunham romper com tudo! Para mudar mesmo era preciso chocar a sociedade conservadora, deixando-a perplexa e culpada diante das injustiças sociais, do egoísmo e da falta de solidariedade. Que sofra na própria pele a crueldade que inflige a seu semelhante! Talvez assim até se ganhe o apoio de alguns de seus representantes mais abertos e o artista encontre, dessarte, espaço para contribuir para a real transformação do mundo.

Graciliano Ramos vai mostrar, por exemplo, em *São Bernardo*, publicado em 34, um desses espíritos aproveitadores que compra uma fazenda por preço de banana e se torna fazendeiro bem-sucedido. Paulo Honório (dono da fazenda) trata os empregados como “uns bichos!” Mas quem se animaliza é ele próprio. Esse espertinho vai acabar sangrando de culpa, roído, o corpo se transformando em um bicho monstruoso e nojento. “Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas”. Quando se olha no espelho, diz estar vendo um bicho igual aos seus. O fazendeiro bem-sucedido, no seu depressivo movimento de expiação e de catarse, entra em delírio auditivo e visual.



Capa da 66.ª edição – 1996

Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde. Quando o Costa Brito, por causa de duzentos mil-réis que me queria abafar, vomitou os dois artigos, chamou-me doente, aludindo a crimes que me imputam. O Brito da Gazeta era uma besta. Até hoje, graças a Deus, nunca um médico me entrou em casa. Não tenho doença nenhuma.

O que estou é velho. Cinquenta anos pelo São Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.

In São Bernardo

Madalena, professora na escolinha da fazenda, depois sua esposa, grande crítica das atitudes do marido em relação aos empregados da fazenda, já está morta e enterrada (suicidou-se), mas ele ouve sua voz, pensa vê-la: “A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos”. Alguns parágrafos antes ele afirma ter visto Madalena ao lado da mesa. Com a escuridão o quadro piora. O delírio é suscitado pela conjugação entre os ruídos exteriores e a quebra de luminosidade.

A confusão no tempo da narrativa (tempo do enunciado e tempo da enunciação) é evidente, reflexo do estado psicológico do narrador. Grilos e tique-taques confirmam o caráter obsessivo do texto. O espaço é reduzido e o narrador (o romance vem escrito na primeira pessoa) se encontra encerrado em seus próprios destroços. Ou antes, num mundo reduzido a alguns sinais, visuais ou acústicos, que lhe permitem entrever partes, apenas partes, da sua existência passada. O tique-taque traduz a confusão temporal que se instaura na mente confusa, arruinada, machucada e mutilada de Paulo Honório.

Este romance do “Velho Graça” é todo assim. O cruel tratamento físico que Paulo Honório reserva para si próprio traz consigo a lição de que todos os seres humanos, ricos e pobres, são egoístas, mentirosos, ladrões e perversos, e só uma sociedade solidária e justa impede que esses instintos bestiais afluam com intensidade.

Godofredo de Oliveira Neto
Subsecretário de Planejamento da Educação SEE/RJ

LEITURA, LEITURAS

Colega Professor,

Esta seção se destina a abordar temáticas de história, ética, filosofia, etc., sob diversos prismas, aproximando escritos de diferentes autores, por vezes incluindo alguns de épocas não contemporâneas.

O intuito é colocá-lo em contato com vários olhares sobre determinado assunto, expressos em prosa ou verso, oferecendo-lhe material para reflexão e aproveitamento em sua prática pedagógica.

DESCOBRIMENTOS, ENCOBRIMENTOS ?



Roque Gameiro, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, 1922

“Com gemas para financiá-lo, nosso herói desafiou, valentemente, todos os desdenhosos que tentaram dissuadi-lo de seu plano. “Os olhos enganam”, disse ele, “um ovo e não uma mesa típica, corretamente, esse planeta inexplorado”. Então as três irmãs fortes e resolutas saíram à procura de provas, abrindo caminhos, às vezes através de imensidões tranqüilas, mas, amiúde, através de picos e vales turbulentos. Os dias se tornaram semanas, enquanto os indecisos espalhavam rumores apavorantes a respeito da beira. Finalmente, sem saber de onde, criaturas aladas e bem-vindas apareceram, anunciando um sucesso prodigioso”.

Angela Kleiman. *In Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Pontes, 1997. (fragmento)

UM MORRO AO FINAL DA PÁSCOA

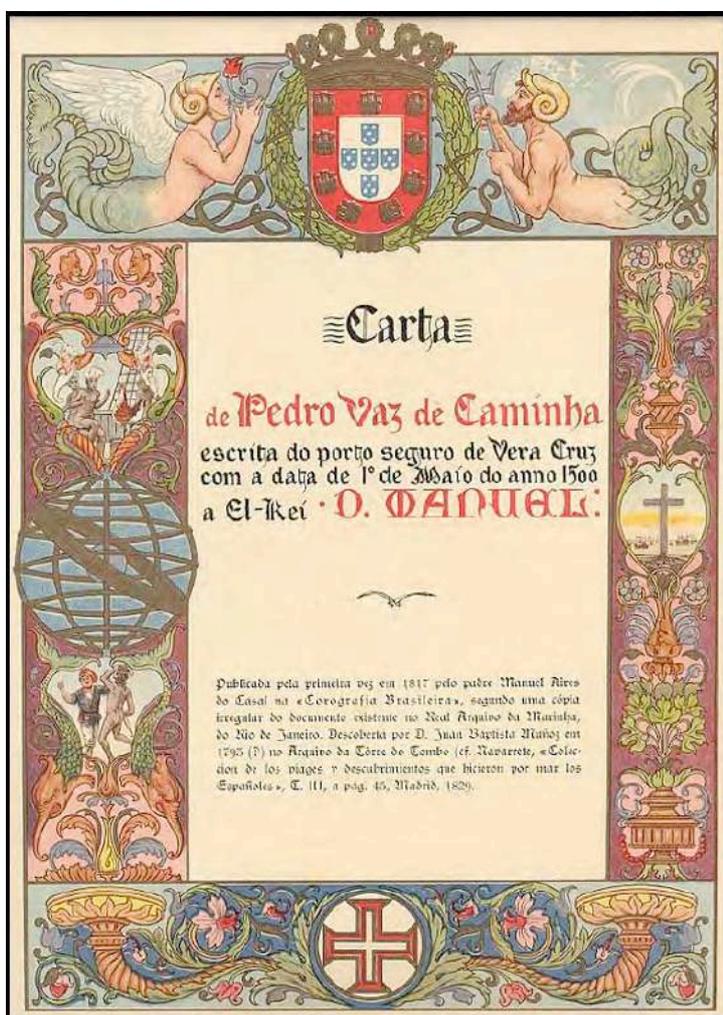
Como tapetes flutuantes, elas surgiram de repente, em muita quantidade, balançando nas águas translúcidas de um mar que refletia as cores do entardecer. Os marujos as reconheceram de imediato, antes que sumissem no horizonte: chamavam-se *botelhos* as grandes algas que dançavam nas ondulações formadas pelo avanço da frota imponente. Pouco mais tarde, mas ainda antes que a escuridão se estendesse sobre a amplitude do oceano, outra espécie de planta marinha iria lambe os cascos das naves, alimentando a expectativa e desafiando os conhecimentos daqueles homens temerários o bastante para navegar por águas desconhecidas. Desta vez eram *rabos-de-asno*, um emaranhado de

ervas felpudas que “nascem pelos penedos do mar”. Para marinheiros experimentados, sua presença era sinal claro da proximidade de terra.

Se ainda restassem dúvidas, elas acabariam no alvorecer do dia seguinte, quando os grasnados de aves marinhas romperam o silêncio dos mares e dos céus. Aves da anunciação, que voavam barulhentas por entre mastros e velas, chamavam-se *fura-buxos*. Após quase um século de navegação atlântica, o surgimento dessa gaivota era tido como indício de que, muito em breve, algum marinheiro de olhar aguçado haveria de gritar a frase mais aguardada pelos homens que se fazem ao mar: “Terra à vista !”.

Eduardo Bueno. *In A viagem do descobrimento*. Objetiva, 1998. (fragmento)

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHHA



Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim igualmente os outros capitães escrevam a vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março.,

sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã-Canária, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da Ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pêro Escolar, piloto.

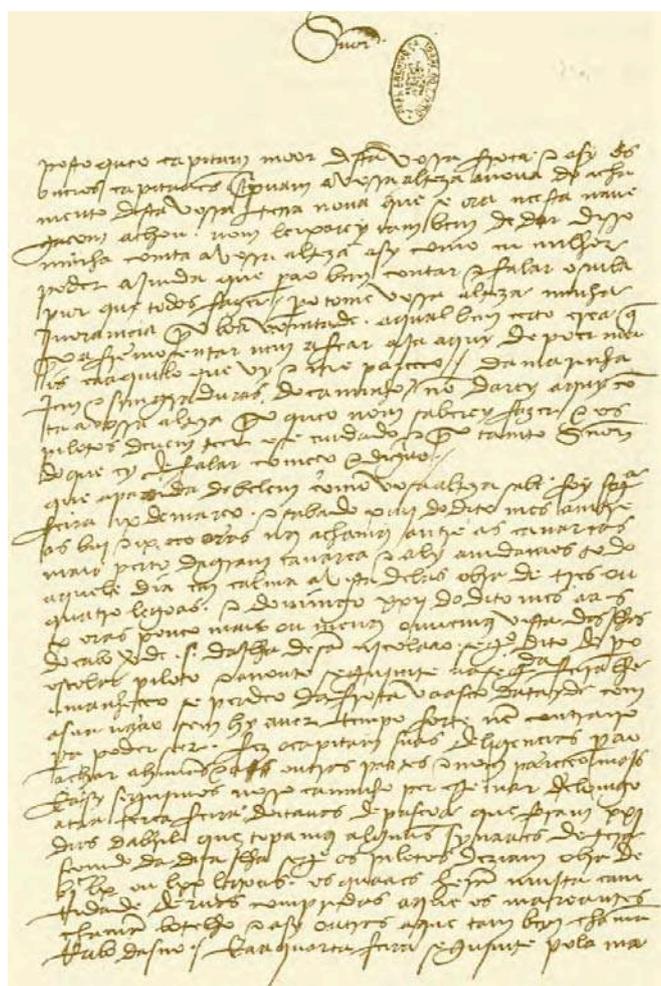
Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com sua nau,

sem haver tempo forte nem contrário para que tal acontecesse. Fez o capitão suas diligências para o achar, a uma e outra parte, mas não apareceu mais!

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, na terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram vinte e um dias de abril, estando da dita ilha obra de 600 a 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos. (...)

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.



Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha de vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que, assim neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa que de vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da Ilha.

de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro – o que d'Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza Deste Porto Seguro, da vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha

Paulo Roberto Pereira. *In Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil.* Lacerda, 1999. (fragmento)

Oswald de Andrade e a Descoberta do Brasil

Da América, diz-se que foi descoberta. Por mais que se procure difundir a idéia da conquista, o que predomina, pela repetição ao longo do tempo e pela própria assimilação local do ponto de vista europeu, é a idéia do descobrimento. Esta idéia, sabemos, não é inocente: nega, elipsa a existência das sociedades indígenas que tinham a posse da terra e recalca o sentido guerreiro, violento, da ação dos conquistadores. Realiza, portanto, ironicamente, um primeiro encobrimento.

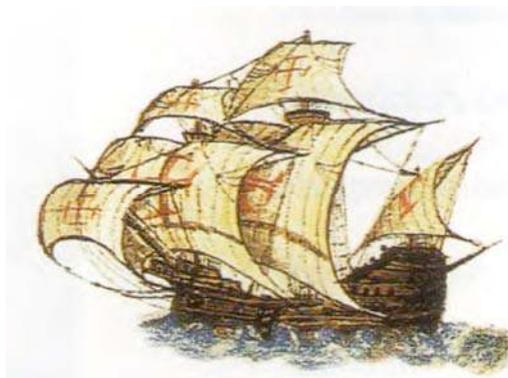
E ao primeiro “descobrimento”, outros se sucederam. Diferentes épocas, outros viajantes, variados recortes, mas a América continuou a ser lida e interpretada ao sabor dos ventos europeus, como um território-texto sempre aberto a nova conquista e/ou leitura.

Vera Lúcia Follain Figueiredo. *In Oswald Plural*. EdUERJ, 1995. (fragmento)

Erro de Português

*Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena !
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português*

Oswald de Andrade. *In Poesias Reunidas*.
Civilização Brasileira, 1974



Roque Gameiro, *in História da Colonização Portuguesa do Brasil*, 1922

ESPECIARIAS

No fim, tudo se deve à comida insossa. Quando os mongóis e os turcos interromperam o suprimento por terra dos condimentos do Oriente, a era dos descobrimentos começou. A Europa descobriu que não podia viver sem tempero e lançou-se ao mar e à conquista de rotas alternativas para o cominho e, por acidente, outros mundos.

A América é um produto do paladar europeu. Toda a grande aventura imperial foi aromática, tangida pela pimenta e o gengibre, a hortelã e a noz-moscada. Homens rudes lançavam-se contra o desconhecido e a morte pelo rosmaninho. Navios inteiros eram tragados pelo mar e deixavam, na superfície, irônicas sopas de ervas. Até a poluição era inocente: se rompesse um porão de navio, as praias se cobriam de grãos de mostarda, as gaivotas se intoxicavam com favos de baunilha. Desastre ecológico era quando os peixes engoliam alho, cebola e alcaparras e já vinham à tona prontos para a panela.

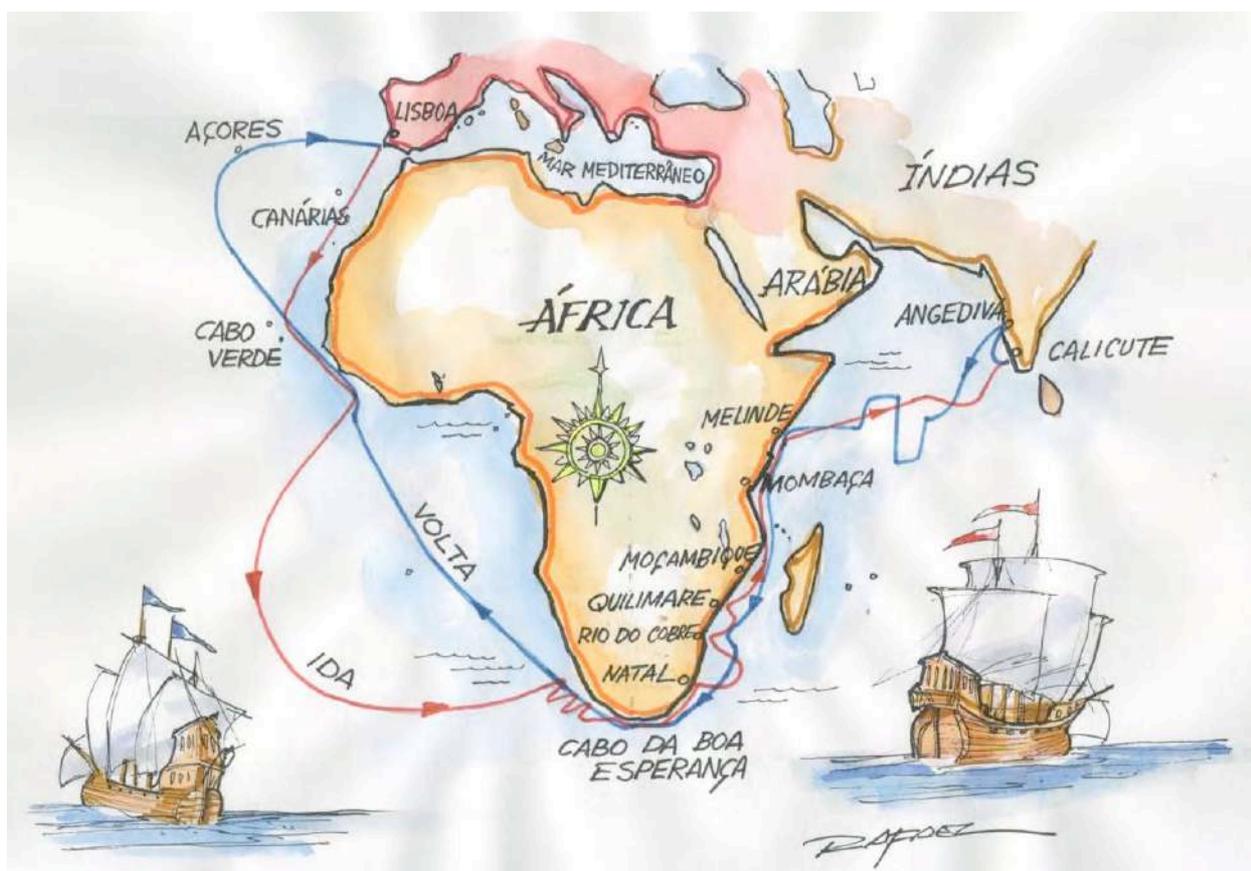
Outras fomes eram servidas, claro. A de ouro, a de prata, a de espaço. E a de sexo, pois as mulheres européias também eram sem sal. Descobriu-se que o comércio de escravos era mais rentável do que o comércio de especiarias e não houve nenhum escrúpulo, ou

reticência poética, em fazer a adaptação. Mas os novos mundos continuaram a ser governados pelo paladar da Europa. Não dá para calcular quanta gente morreu nos navios negreiros ou no trabalho escravo para que a classe operária inglesa tivesse açúcar no seu chá todos os dias, por exemplo. E é por falta de condimentos parecidos onde eles vivem que turistas europeus continuam desembarcando no Nordeste do Brasil para comer adolescentes.

A especiaria de hoje é a droga e não deixa de ser apropriado que cocaína pareça açúcar. O apetite servido é pelo delírio, não mais pela noz-moscada, e a carga viaja escondida. Quem transporta drogas é chamado de "mula" e há no apelido uma vaga evocação das caravanas do Oriente que enfrentavam bárbaros e ursos – em vez de fiscais na alfândega – só para dar uma sensação à Europa.

Luis Fernando Verissimo. *In O Globo*, 12/06/2000

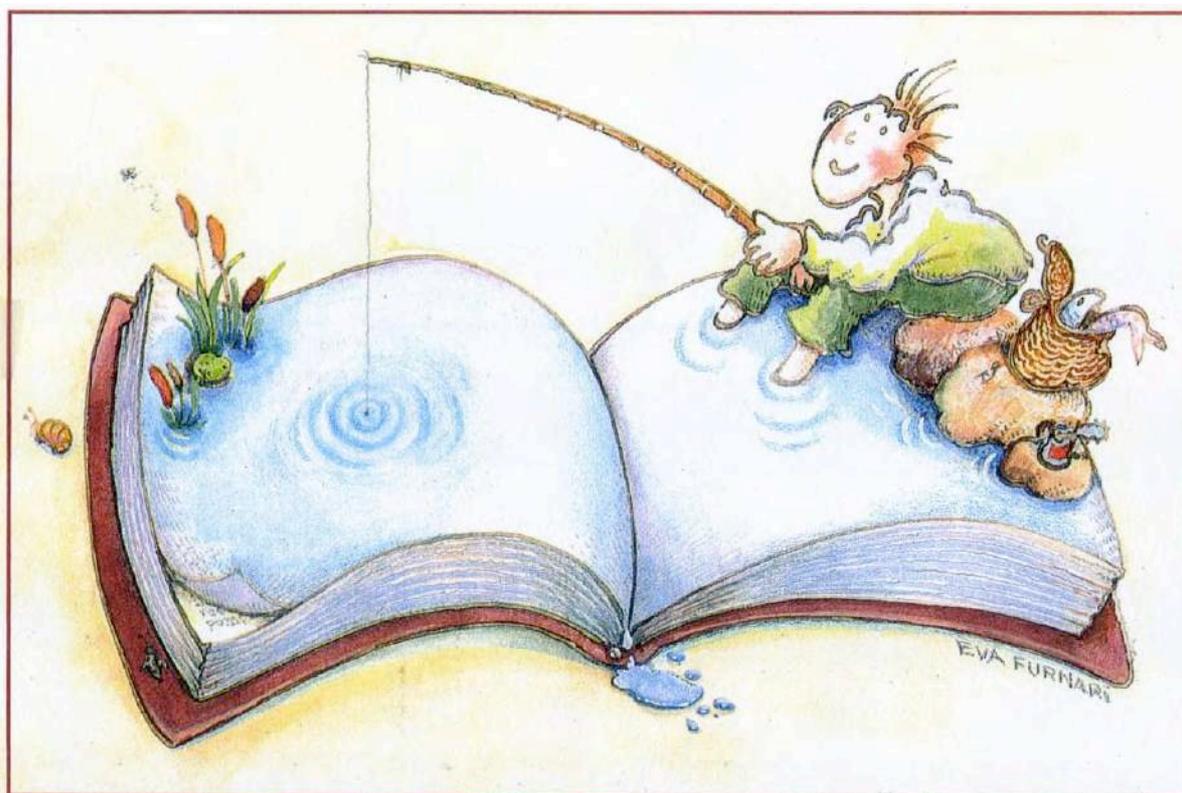
Rota portuguesa das especiarias



NOSSA BIBLIOTECA

Colega Professor,

Esta seção apresenta resenhas de publicações – de literatura infantil e juvenil a obras de referência –, e textos cuja abordagem enfatiza o valor do livro e da leitura na interlocução com o mundo, e sua permanente evolução – seres da palavra que somos –, pois a leitura propicia condições fundamentais para formar o pensamento, ampliar o domínio de linguagens e fecundar a imaginação.



O livro: um rio.
As palavras: água.
A leitura: margens
daquilo que passa.

Editora Ática, 1995

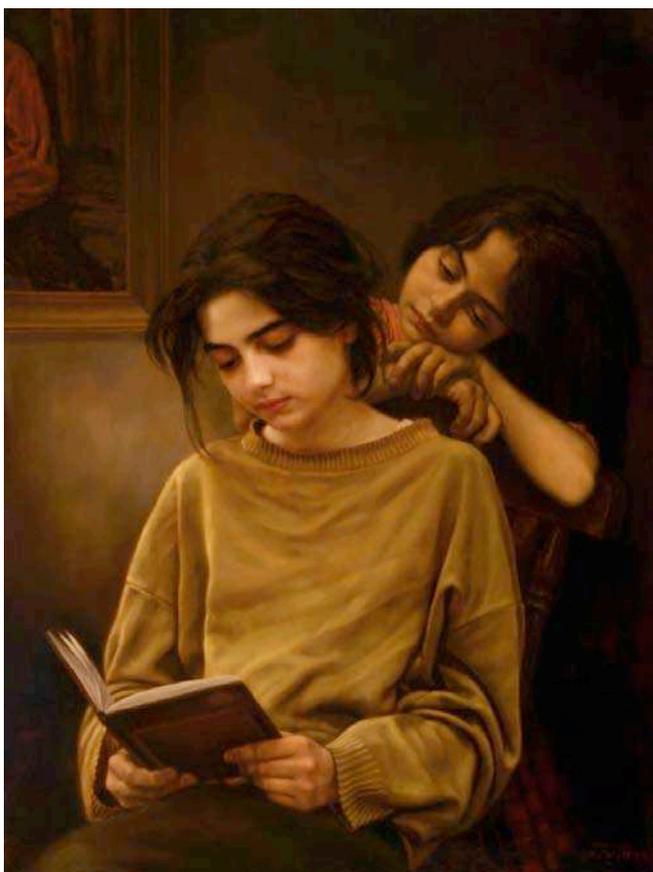
A NECESSIDADE-PRAZER DA LEITURA

Agora talvez devesse ocupar-me de uma pergunta que hoje é feita com muita frequência, quando se fala dos livros como de algo que sempre existiu e que sempre existirá: mas que segurança existe de que o livro tenha um futuro pela frente? Que sobreviva à concorrência dos meios de comunicação eletrônicos? Como se

transformará e em que se converterá o escritor?

E, aí, minha resposta só pode ser uma: de fidelidade ao livro, aconteça o que acontecer. Ponhamo-nos na perspectiva dos séculos. Os livros circularam por muitos séculos antes da invenção de Gutenberg, e, nos séculos futuros, encontrarão certamente novas formas para sobreviver.

A primeira editora sobre cuja atividade se tem notícias, através das cartas de Cícero, é fundada em Roma, por volta do ano 50 antes de Cristo, por Tito Pomponio Actico, para a difusão dos clássicos gregos e das novidades latinas; estava organizada de forma não muito diferente das editoras de nossos dias, exceto que, em lugar dos tipógrafos, se utilizava um grande número de escribas.



Pintor iraniano desconhecido

Por certo que, então, o número de leitores não era o das tiragens dos *best-sellers* de hoje, mas, se pensarmos que tantos livros fundamentais têm, ainda em nossos dias, uma circulação limitada, damos-nos conta de que, ainda na comparação numérica, há certa similitude. O importante é que o fio que corre através da escritura não se interrompa. Pensar que, também

durante os séculos de ferro e fogo do período medieval, os livros tenham encontrado nos conventos um espaço onde conservar-se e multiplicar-se me conforta, por um lado, e me preocupa, por outro. Poderia inclusive ocorrer-me a idéia de nos retirarmos todos em conventos dotados de todo conforto, abandonando as metrópoles às invasões bárbaras dos videocassetes; mas sentiria pelo resto do mundo, que ficaria sem livros, privado de seu silêncio cheio de sussurros, de sua calma reconfortante ou de sua inquietude sutil.

Há uma continuidade na solidão que o escritor arrasta atrás de si como um destino inerente a sua vocação, mas desta solidão assoma uma vontade e uma capacidade de comunicação: esta comunicação especial da literatura que se estabelece de indivíduo para indivíduo e que, apenas em alguma época e em algum momento, pode ver-se amplificada em comunicação maciça. Saber que Petrarca e Boccaccio trocaram entre si pergaminhos, em que haviam copiado, de seu próprio punho e letra e com fina elegância gráfica, suas próprias obras ou as de Dante, dá-me a convicção de que os períodos de esplendor para a literatura podem surgir sejam quais forem as condições exteriores. Sabemos que a forma dos livros mudou muitas vezes na história e que, seguramente, continuará mudando. Claro que isto não me alegra, porque me atraem os livros também como objetos, na forma que têm hoje, se bem que seja cada vez mais raro ver edições que expressem o amor pelo livro-objeto, que, para acompanhar nossa vida, deveria ser feito segundo as regras da arte.

É claro que mudarão muitas coisas, se é certo que, com as processadoras de palavras, nossos livros serão compostos por nossas próprias mãos, sem necessidade de passar pela tipografia. Assim, como mudarão as bibliotecas, que talvez venham conter apenas microfimes. Isto me entristece um pouco porque deixaremos de ouvir o agradável ruído das páginas.

Mudará o nosso modo de ler? Pode ser que sim, mas não podemos prever de que maneira. Podemos dizer que temos um testemunho direto de uma revolução importante no modo de ler ocorrida no passado, porque Santo Agostinho nos contou com estupor o momento em que se deu conta do acontecimento. Indo ao encontro de Santo Ambrósio, Agostinho soube que o Bispo de Milão estava lendo, mas de um modo que ele não havia visto antes: silenciosamente, só com os olhos e com a mente, sem emitir som algum, sem sequer mover os lábios. Agostinho havia passado por escolas importantes e ambientes de estudo, mas nunca havia suspeitado que se pudesse ler como fazia Ambrósio, sem pronunciar palavras.

E pode ser que, no futuro, venha a haver outros modos de leitura de que não suspeitamos. Creio que é errado o critério de considerar com desprezo as novidades

tecnológicas, em nome de valores humanísticos em perigo. Penso que cada novo meio de comunicação a difusão das palavras, das imagens e dos sons pode propiciar novos desenvolvimentos criativos, novas formas de expressão. E creio que uma sociedade mais avançada tecnologicamente poderá ser mais rica em estímulos, em escolhas, em possibilidades, e haja cada vez mais necessidade de ler, de coisas para ler e de pessoas que leiam.

Tenho certeza de que a leitura não é comparável a nenhum outro meio de aprendizagem e de comunicação, porque ela tem um ritmo que é governado pela vontade do leitor; a leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, isto é, de liberdade; a leitura é uma correspondência não só com o livro, mas também com nosso mundo interior, através do mundo que o livro nos abre.

Pode ser que o tempo que poderia ser destinado à leitura seja cada vez mais ocupado por outras coisas: isto é certo já hoje, mas era ainda mais certo no passado para a maior parte dos seres humanos. De qualquer forma, quem tenha necessidade de ler, quem tenha o prazer de ler (e ler é sem dúvida uma necessidade-prazer), continuará recorrendo aos livros, aos do passado e aos do futuro.

Italo Calvino. *In Leia*, fevereiro de 1986

Leia e divulgue!

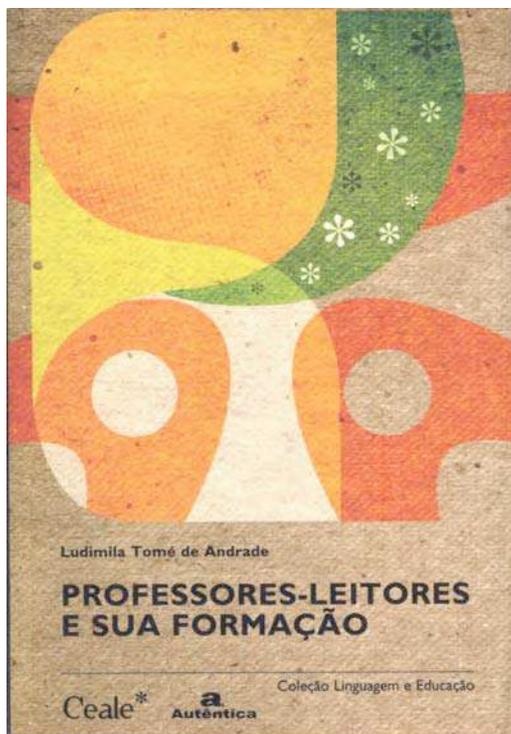
Imagine um lugar onde se pode ler, gratuitamente, as obras de Machado de Assis, ou *A Divina Comédia*, ou ter acesso às melhores historinhas infantis de todos os tempos.

Um lugar que lhe mostre as grandes pinturas de Leonardo Da Vinci. Onde você possa escutar músicas em MP3 de alta qualidade. Pois esse lugar existe! O Ministério da Educação disponibiliza tudo isso, basta acessar o *site*: www.dominiopublico.gov.br/

Tiremos dessa fantástica ferramenta de trabalho e entretenimento, de disseminação da cultura e do gosto pela leitura o maior proveito! É de graça!

Resenha

***Professores-leitores e sua formação: transformações discursivas de conhecimentos e de saberes.* ANDRADE, Ludmila Thomé. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2004. 172p.**



Este livro apresenta resultados de vasta pesquisa sobre o papel da universidade no processo de “alimentar” e “regular” as leituras dos professores do ensino básico. Para compor o processo de formação de professores-leitores nas universidades, questões são colocadas: Como os futuros professores lidam com as leituras propostas pela universidade? Como os saberes universitários modelam a relação do professor com a leitura? Como os professores são tratados nesses textos a eles destinados e como eles os lêem?

No primeiro capítulo, a autora analisa os modos como a transmissão dos conhecimentos sobre o ensino da língua, leitura e escrita vem se constituindo de duas décadas para cá como campo de formação e que, atualmente, já se apresenta com a fundamentação de conceitos como variedade lingüística, linguagem oral e escrita, conforme a pesquisa deseja.

No capítulo 2, promove a discussão do novo campo de estudos que toma

como objeto a formação de docentes da escola básica e as dificuldades encontradas pelos próprios professores a quem as produções se destinam. Para isso, aborda o desenvolvimento da pesquisa sobre formação docente e analisa o que a escrita dos professores em processo de formação revela a respeito de suas experiências particulares de formação e o saber legítimo presente na prática do professor. Ressalta a tendência atual de modelo de saberes que Maurice Tardif e colaboradores (1991) discriminam: saberes de formação, saberes das disciplinas, saberes dos currículos e saberes da experiência.

No capítulo 3, trata da necessidade de professores-leitores saberem concepções teóricas desse processo. Essencialmente, busca responder a duas perguntas: “De que maneira o professor lida com a leitura da universidade? Como incide o saber universitário na sua relação com a leitura? Do conhecimento fundamentado sobre a constituição da leitura e da escrita pelo professor depende a sua construção como sujeito autônomo, capaz de agir, pensar e transformar.

A boa formação do professor-leitor depende de a universidade colocar em prática as concepções da linguagem, e não prescindir das palavras para falar sobre elas: “Determinadas concepções de leitura e de escritas são inculcadas nos alunos durante o período de formação universitária, sem entretanto serem explicitadas conceitualmente.”

O livro propõe que novos modos de superação sejam criados no sentido de que professores universitários em suas aulas passem a produzir enunciados que expliquem o que desejam da leitura e da escrita na instituição pedagógica universitária.

Vale ressaltar a colocação síntese do livro: “um bom professor de língua deveria ser antes um bom leitor, ter experiência de leitura, conhecimentos e o prazer da literatura, para revertê-los na sua experiência docente e na construção de sua autonomia”.

Angela Lopes
Doutora em Literatura Portuguesa
Prof.^a da UniCarioca

Resenha

Um gato chamado Gatinho. Ferreira Gullar.
Il. Angela Lago. Rio de Janeiro: Salamandra,
2000. 48p.



Em formato de pequeno álbum e com requintada apresentação gráfica, os poemas de Ferreira Gullar em seu livro de estréia para crianças foram escritos com as mesmas sensibilidade, emoção e técnica de seus poemas para adultos, virtudes que o destacam no panorama literário brasileiro como um dos maiores poetas contemporâneos.

Dedicado ao seu gato siamês, companheiro de longa data, *Um gato chamado Gatinho* revela que o poeta manteve intacta a capacidade de se encantar com as coisas mais simples e de observar atenta e curiosamente as mínimas ações e reações do amigo bichano, com aquele olhar de criança que, apesar de suas retinas tão cansadas de ver o sofrimento do mundo, Gullar jamais perdeu.

Ao utilizar palavras simples e de uso corrente, em difentes tipos de estrofes, e sugerir com perguntas a participação do leitor (à moda de Machado e de Clarice Lispector) nos fatos do cotidiano, Gullar transporta a criança ou o adulto a um admirável mundo novo da convivência amorosa entre humanos e bichanos. Ele vê, de maneira inteiramente nova, situações conhecidas e valoriza os versos, através do lúdico das palavras, do ritmo e das rimas. Cada verso é uma invenção poética de graça, colorido vivacidade e emoção.

Com sua poesia, Gullar defende Gatinho de todas as acusações que geralmente são feitas aos gatos. Ao contrário do que se diz deles, Gatinho é terno, carinhoso e apegado ao dono. Suas qualidades físicas – beleza, agilidade, elegância – são louvadas, tanto

o gato é ingrato?

Dizem que gato
 é muito ingrato
 e indiferente:
 só gosta da casa
 não gosta de gente.

Mas é puro boato.
 Quem isso inventou
 não gosta de gato.
 Pois o nosso Gatinho
 tem verdadeiro horror
 de ficar sozinho.
 Prefere estar junto
 do dono ou de alguém
 que lhe queira bem.

E se o dono viaja,
 fica miando
 por ele buscando
 por toda a casa.
 E quando ele chega
 fica tão contente
 que sai em carreira
 pela casa inteira.

É assim que ele diz,
 lá à sua maneira,
 o quanto está feliz.

quanto as da sua personalidade: inteligência, cautela, paladar refinado e companheirismo.

Até o ronronar do bichano é linguagem que o poeta entende: eles podem conversar entre palavras e miados. E a atitude possessiva de Gatinho, que parece brigar com o poeta quando ele volta tarde para casa, é vista como prova de amor.

Nada nos chega ao espírito sem ter sido antes apreendido pelos sentidos, ensina o filósofo inglês John Locke. E parece ter sido esta a ação poética de Gullar em relação à personalidade do seu Gatinho. Recolher em sentimentos e pensamento abstrato cada um de seus movimentos e ações para em seguida transformá-los em pura poesia. Gatinho é o “dono do pedaço”, e esse pedaço faz parte do coração do poeta.

As ilustrações e o projeto gráfico de Angela Lago constituem um complemento magnífico para a poesia de Gullar. Também amiga dos gatos, a premiada artista esmerou-se em apresentar um Gatinho em traços que fazem dele belíssimo objeto plástico, envolto em cores de tons fortes e contrastantes, variando em cada página. A impressão e o acabamento são dignos da beleza do texto e das ilustrações e constituem moldura adequada a um dos mais belos lançamentos do ano.

Laura Sandroni
 Mestre em Literatura Brasileira
 Membro Honorário do IBBY

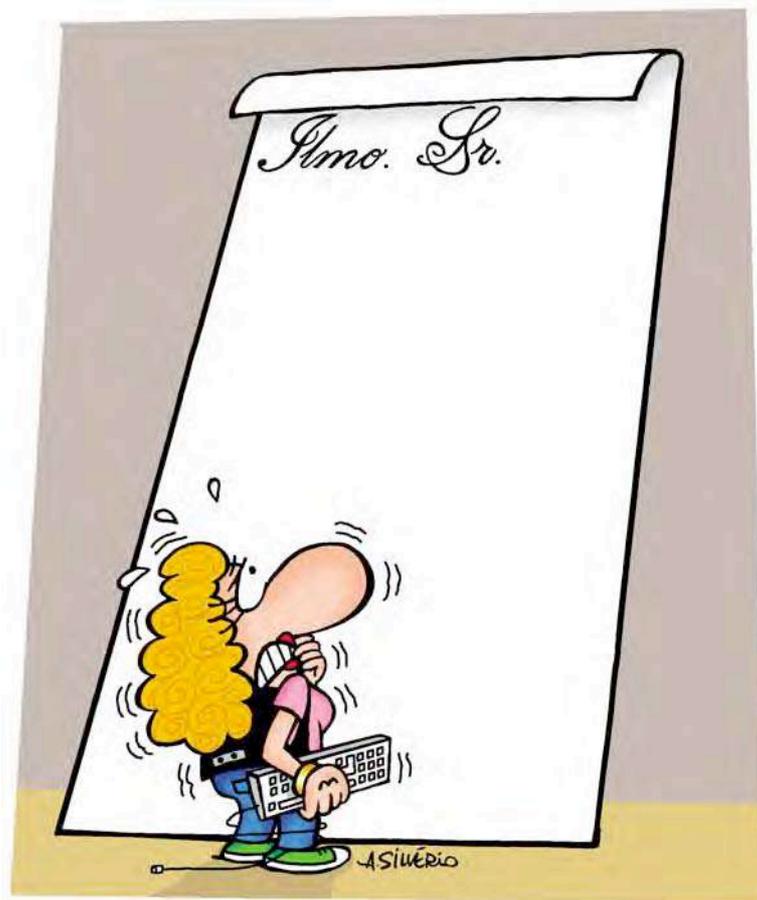
Prêmios
O Melhor Livro de Poesia, 2000, da FNLIJ.
Jabuti, 2001, na categoria Ilustração.

REDAÇÃO OFICIAL AO SEU ALCANCE

Colega Professor,

Com esta seção pretende-se dar acesso à formulação de documentos oficiais preconizada pelo *Manual de redação oficial do Estado do Rio de Janeiro* (Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação, Rio de Janeiro: a secretaria, 3.ª ed. ; 2001. 89p.). Por força dos Decretos n.ºs 28.169 e 28.463 /2001, em vigor, as formas apresentadas se tornaram paradigmas para a redação oficial no RJ.

Em cada edição serão propostas e solucionadas situações-problema, com exemplos, adequando-se o tipo de comunicação aos destinatários. Iniciamos a série com algumas das formas mais usuais de redação oficial: OFÍCIO, CARTA E CIRCULAR.



SITUAÇÃO-PROBLEMA

Assumindo a direção do Colégio Estadual Santos-Dumont, em área muito carente e assolada por problemas sanitários, o diretor planejou promover mutirões (ações cooperativas da comunidade para resolver problemas comuns a todos), visando modificar hábitos locais. Inicialmente, propôs eliminar uma vala negra próxima, cujos detritos vinham causando mau-cheiro, e atraindo ratos, baratas e mosquitos à escola. Além disso, as crianças da área costumavam brincar na água suja acumulada, que, quando chovia, inundava a escola.

Para as providências cabíveis, solicitou à secretária da U.E. que minutasse correspondência a autoridades (Secretário Estadual de Educação, Secretários Municipais de Educação e de Saúde, Prefeito e Vereadores), a integrantes da comunidade escolar (professores, alunos, funcionários, pais de alunos) e à comunidade externa (associação de moradores do bairro, clubes, empresários e comerciantes), buscando envolvê-los.

A secretária minutou os expedientes e os apresentou ao diretor, para que procedesse a alterações ou retificações. Uma vez aprovados, e assinados, prepararia a expedição, encaminhando com guias de remessa os que seguissem em mão.

Assim, pela diversificação dos destinatários, questões de hierarquia determinaram a *escolha do expediente* e a adequação textual ao *registro lingüístico*, respeitando a maior ou menor formalidade estabelecida na comunicação entre as partes.

ADEQUAÇÃO ENTRE O TIPO DE DOCUMENTO E O DESTINATÁRIO

OFÍCIO É texto a ser remetido a autoridades: Secretário Estadual de Educação, Secretários Municipais de Educação e de Saúde, Prefeito e Vereadores, etc. Segundo o *Manual*, ele é um tipo de correspondência pela qual se mantém intercâmbio de informações a respeito de assunto técnico ou administrativo, cujo teor tenha caráter exclusivamente institucional. São objeto de ofícios as comunicações realizadas entre dirigentes de entidades públicas, podendo ser também dirigidos a entidade particular. Suas partes componentes são:

1. Título abreviado – *Of. –*, acompanhado da sigla do órgão expedidor, sua esfera administrativa e numeração, à esquerda da página.
2. Local e data, por extenso, à direita da página, na mesma linha do título.
3. Endereçamento (alinhado à esquerda): nome do destinatário, precedido da forma de tratamento, e o endereço.
4. Vocativo: a palavra Senhor(a), seguida do cargo do destinatário e de vírgula.
5. Texto paragrafado, com a exposição do(s) assunto(s) e o objetivo do Ofício.
6. Fecho de cortesia, expresso por advérbios: *Atenciosamente*, *Cordialmente* ou *Respeitosamente*. A escolha do advérbio é determinada pela relação hierárquica entre as partes, ou a formalidade maior ou menor entre ambas.
7. Assinatura, nome e cargo do emitente do Ofício.

EXEMPLO

Of. CESD n.º 32 (1)

Rio de Janeiro, 3 de maio de 2007(1)

Ex.º Sr.

José da Silva

Secretário de Estado de Educação do Rio de Janeiro (3)

Senhor Secretário, (4)

Embora enfrentemos problemas de natureza vária, um nos mobiliza particularmente: eliminar a vala negra próxima à esta UE, cujos detritos causam mau-cheiro e atraem os mais variados vetores de doenças ligadas à falta de higiene: ratos, baratas e mosquitos às proximidades do Colégio. Quando chove o problema se agrava, pois as crianças da área brincam na água suja acumulada e o Colégio sofre inundação. (5)

Como pretendemos convocar autoridades e a população local a realizar mutirão no qual se instalem manilhas na vala, para evitar sérios problemas de saúde, não pretendemos empreender a campanha sem a imprescindível anuência e cooperação de V. Ex.ª e, se possível, de outras autoridades estaduais. (5)

Aguardando a manifestação de V.Ex.ª, (6)

Respeitosamente (6)

Jorge Vieira (7)

Diretor

CIRCULAR É texto a ser remetido a professores, alunos, funcionários e pais de alunos. Pelo *Manual* é uma comunicação oficial, interna ou externa, expedida para diversas unidades administrativas ou determinados funcionários. Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra CIRCULAR), em letras maiúsculas, sigla do órgão que o expede e número, à esquerda da folha.
2. Local e data à direita da folha, e por extenso, na mesma linha do título.
3. Destinatário, após a palavra *Para* (com inicial maiúscula).
4. Assunto, expressado sinteticamente.
5. Texto paragrafado, contendo a exposição do(s) assunto(s) e o objetivo da Circular.
6. Fecho de cortesia, seguido do advérbio *Atenciosamente*.
7. Assinatura, nome e cargo da autoridade ou chefia que subscreve a Circular.

EXEMPLO

CIRCULAR CESD n.º 33 (1)

Rio de Janeiro, 3 de maio de 2007 (2)

Para: Professores (3)

Assunto: Mutirão sanitário (4)

Há muito enfrentamos problemas com a vala negra próxima ao CESD: detritos causam mau-cheiro, atraem ratos, baratas e mosquitos ao Colégio e à vizinhança; nossos alunos brincam naquela água e sofremos inundações com as chuvas. (5)

Para podermos atrair e envolver as autoridades e o público no mutirão, instalando manilhas na vala, precisamos que a comunidade escolar, a partir dos professores, participem ativamente do processo, condição para o sucesso da iniciativa. (5)

Certos de contar com sua imprescindível ajuda no esclarecimento às questões de saneamento básico e incentivo ao envolvimento de todos. (6)

Atenciosamente (6)

Jorge Vieira (7)

Diretor

CARTA É texto a ser remetido a associações de moradores, clubes, empresas, etc. Segundo o *Manual* é uma forma de comunicação externa dirigida a pessoa (física ou jurídica) estranha à administração pública, utilizada para fazer solicitações, convites, externar agradecimentos, ou transmitir informações. Suas partes componentes são:

1. Local e data, por extenso, à esquerda da página.
2. Endereçamento (alinhado à esquerda): nome do destinatário, precedido da forma de tratamento, e o endereço.
3. Vocativo: a palavra Senhor (a), seguida do cargo do destinatário, e de vírgula.
4. Texto paragrafado, com a exposição do(s) assunto(s) e o objetivo da carta.
5. Fecho de cortesia, seguido de advérbio adequado: *Cordialmente*, *Atenciosamente*, ou *Respeitosamente*.
6. Assinatura, nome e cargo do emitente da carta.

EXEMPLO

Rio de Janeiro, 3 de maio de 2007 (1)

Il.^{mo} Sr.
Evandro Souza
Diretor da ES Instalações Hidráulicas
Praça da Matriz, n.º 10
Centro – São Gonçalo – RJ
24.440-000 (2)

Senhor Diretor, (3)

Há muito tempo, o Colégio Estadual Santos Dumont e sua vizinhança sofrem com a existência de uma vala negra que nos expõe a todo tipo de contratemplos e riscos sanitários. (4)

Pretendendo despertar na comunidade o senso de responsabilidade cidadã, propusemo-nos a instalar manilhamento naquela vala, reduzindo os riscos para a comunidade. (4)

Como sabemos que V.S.^a possui empresa de reparos hidráulicos e tem demonstrado significativa responsabilidade social, solicitamos seu auxílio para levar a efeito essa obra com a qual pretendemos demonstrar que a ação comunitária é forma de subsidiar a ação governamental e, em muitos casos, se antecipar a ela. (4)

Contando com sua cooperação, (5)

Atenciosamente (5)

Jorge Vieira (6)
Diretor

Helenice Valias
Mestre em Literatura Brasileira
Prof. de Língua Portuguesa da SEE/RJ

FALADA, ESCRITA, MAL DITA

“A ignorância e o vento, quanto atrevimento!”



A Comunicação, em qualquer língua, pode ser feita com clareza, ou não. Para se restringir a compreensão das mensagens a uns poucos detentores do código lingüístico, têm-se utilizado, cada vez mais, no Brasil, estranhos dialetos como o *economês*, o *publicitês*, o *mequês* (do MEC), etc. Discursos, palestras e correspondências expedidas por órgãos públicos, incluindo-se as emanadas de gabinete de Ministros, são bons exemplos. Há invenções primorosas: em primeiro lugar, *a nível de* (ou *em nível de*), que quer dizer rigorosamente nada. Serve para não ir direto ao assunto como seria, em vez de "*a nível de Brasil*" dizer-se, simplesmente, "*no Brasil*". O Legislativo e o movimento sindical se apropriaram dessa maravilha.

Outra, é o uso da palavra *através*. Ao se enviar uma carta *através de alguém*, imagina-se a pobre pessoa, com uma carta atravessada no corpo.

Nesse item, ninguém supera a televisão no ranking, pois ela bate todos os *records*.

O emprego de enquanto, conjunção subordinada temporal: "eu, enquanto representante do governo...", "sicrano, enquanto pessoa", ao invés de como representante, como pessoa, etc., ou seja, despe-se a pessoa de seu cargo de representação, ou de sua condição humana, para reduzi-la a um advérbio de tempo.

Virou praga o uso indevido do gerúndio. No lugar de "enviaremos os formulários para todos os municípios", costuma-se ouvir: "vamos estar enviando..."; em vez de "divulgaremos a data da próxima assembléia", ouve-se: "vamos estar divulgando a data...". Como o gerúndio indica ação contínua, há pessoas que ficarão, por todo o resto de suas vidas, passando os formulários para os municípios, ou divulgando a data da assembléia.

Destaque-se, ainda, *elencar*, *operacionalizar*, *disponibilizar*, *inicializar*, *publicização*, *penalizar* (no lugar de apenar), *protagonismo* e, por fim, o máximo: "debates sobre o *tema vertebrador*".

Uns querem reinventar o idioma com o aportuguesamento – ou o abasileiramento – de palavras como: *startar* ao invés de iniciar; *atachar*, no lugar de anexar; *deletar*, em vez de apagar, etc.

Seria arrogância imaginarem que tudo podem, até mudar o idioma, só porque venceram uma eleição? Para pior, é claro! Talvez apenas desconheçam a própria língua.

O uso correto do idioma não é um refinamento, bem como a formulação de políticas contrárias ao interesse da maioria não depende do registro da língua utilizado. Porém, o oficialismo deveria, pelo menos, abster-se de usar estrangeirismos

para evitar o ridículo de ser brega: *workshops* (oficinas), *coffebreak* (pausa para o café), *paper* (documento) e vai por aí.

Para quem um dos índices de nacionalidade não é moeda e sim a língua, o enxerto de estrangeirismos em textos oficiais é prova do despreparo de algumas pessoas para exercerem cargos públicos, pois sendo colonizadas e subservientes – a preferência pelo inglês não é gratuita – acabam por contribuir para que, no processo de globalização, entremos completamente desqualificados, sem rosto, sem contribuição cultural, não bastasse nossa calamitosa subserviência econômica. Em Brasília, uma escola, a UNEB, escreve “College” ao lado de sua marca, ou seja, virou piada.

Nesse momento de discussão da proposta de lei do Deputado Aldo Rebelo, proibindo o emprego de termos estrangeiros – expediente radical, se considerarmos as contribuições já incorporadas e a serem incorporadas ao nosso idioma, mas de preocupação completamente procedente – seria bom lembrar uma norma em Portugal: palavras ou expressões em outros idiomas devem ser acompanhadas de sua tradução. Não se trata de xenofobia. Além de ser essa uma forma de preservar a nacionalidade, expõe-se o quanto o uso abusivo desse recurso é ridículo, ao invés de culto.

Na França, admite-se termo estrangeiro se não houver, no francês, palavra com o mesmo significado.

Seria ótimo que todos os brasileiros falassem mais de uma língua; porém, resultado das políticas educacionais adotadas ao longo de 500 anos, existem milhões de analfabetos de todas as gerações e alguns semi-alfabetizados tentando se passar por muito sabidos.

Ser universal faz parte da cidadania, assim como conhecer outras culturas, falar outras línguas, respeitar as diferenças. Isso é completamente diferente de macaqueá-las.

É verdade que a norma-padrão, que somos obrigados a usar ao escrever, é cheia de regras que muitas vezes não correspondem mais às necessidades expressivas dos falantes. Este texto pode conter – certamente contém – erros, cometidos por distração ou ignorância, jamais no afã de mostrar falsa cultura, doença que assola a mídia, o oficialismo, os novos ricos de nosso Brasil.

Mensagens, “para a base ou para o público”, devem primar por clareza ou simplicidade. Fora disso, o que existe é discurso balofo, que nada comunica a não ser a incompetência de quem o faz. É falar muito para dizer nada, é o enfeitar galha com penas de pavão.

No caso de órgãos públicos, a clareza, a simplicidade, a transparência, em discursos, correspondências internas ou externas são exigência ética. A coisa pública é pública em qualquer governo. Textos em código, jargão técnico ou coisa semelhante denotam falta de transparência o que, nos dias de hoje, pode acabar em CPI, mesmo que esta acabe em pizza.

Maria Lúcia de Moura Iwanow
Prof.^a aposentada da Fundação Educacional do DF
/n InformANDES, março/2000.

NÃO TROPECE NA GRAMÁTICA

Colega Professor,

Com esta seção deseja-se subsidiar a sua atividade comunicativa – sujeito falante que é da língua portuguesa –, na forma oral ou escrita, ao produzir discursos que estabeleçam eficiente comunicação, na escola ou fora dela: com os alunos, os pais, os colegas de trabalho e com todas as instâncias hierárquicas, independentemente da disciplina a que se dedique.

Não se pretende, aqui, solucionar dúvidas gramaticais pessoais. Para isto existe o serviço ABL Responde, no portal da Academia Brasileira de Letras: www.academia.org.br, com equipe altamente especializada, sob coordenação do Acadêmico Prof. Evanildo Bechara.



REGISTRO LINGÜÍSTICO E ADEQUAÇÃO DO VOCABULÁRIO

Desconsiderando-se as variantes regionais que determinam diversidade no uso da língua, em especial com relação ao vocabulário e às expressões idiomáticas, verifica-se que o falante, ao servir-se dela, irá expressar-se segundo as circunstâncias e o meio social.

A língua oferece inúmeras possibilidades de uso, que se realizam conforme as exigências do momento da comunicação. O redator deverá, pois, ajustar o *registro* do discurso às necessidades contextuais, envolvendo assunto, tipo de interlocutor, lugar em que o diálogo ocorre e relações que unem os interlocutores.

Ao elaborar mensagens, o falante/redator precisa considerar que existe vocabulário adequado a cada contexto. No intuito de aprimorá-las, a seleção léxica não pode ser aleatória. Tampouco a preferência por palavras raras ou rebuscadas determina o sucesso da comunicação.

As situações de comunicação condicionam a variados *registros* e, se o emissor souber *sintonizar* a elas o discurso, não só atenderá melhor às necessidades comunicativas como acabará se transformando num “poliglota” de sua própria língua.

Quanto ao *registro*, na língua falada e na escrita, pode-se classificar o discurso *de*: vulgar, coloquial distenso (familiar), coloquial tenso (culto) e ultraformal.

Vulgar – é o registro usado por pessoas não alfabetizadas ou com pouca educação formal, muitas vezes jovens, quando se utilizam da língua como simples instrumento de comunicação no seu grupo, sem a mínima preocupação com a norma gramatical, incluindo no vocabulário termos de gíria e até palavras chulas. Esta modalidade de discurso não é adequada à redação oficial.

Ex.: “Cum a infração subino e os povo encheno o mundu de fio, tudu só vai piorá”...

Coloquial Distenso – é o que se emprega na conversação corrente, de todas as horas, a fala das situações informais. Nele se podem introduzir, com moderação, certos termos de gíria mais usuais, que, aos poucos, se vão incorporando à língua geral e perdendo o seu caráter especializado. É a linguagem “familiar”, com o mínimo de policiamento gramatical. Esta modalidade poderá ser utilizada em situações cuja formalidade não se faça necessária.

Ex.: Com a inflação crescendo e o povo pondo filho no mundo, as coisas só vão piorar...

Coloquial Tenso – é o registro empregado por pessoas de maior nível de instrução, em situações formais, sem fugir, contudo à naturalidade; é atento ao rigor gramatical. Esta é a modalidade de registro mais apropriada às comunicações oficiais.

Ex.: Como o crescimento da população e da inflação não caíram, nota-se que em certos setores, especialmente nos mais pobres, houve um aumento da tensão social.

Ultraformal – ocorrendo com menor frequência, esse registro soa muitas vezes como artificial, pelo emprego de termos desusados e construções empoladas: é a linguagem de certas conferências, discursos políticos, documentos oficiais, teses, e algumas reuniões acadêmicas. Tal modalidade se presta a situações de extrema formalidade.

Ex.: Paralelamente ao crescimento demográfico vegetativo em índices geométricos, nota-se acentuada reversão nas expectativas antiinflacionárias, o que resulta em acelerado processo de tensão em todos os estamentos da sociedade, mormente nas camadas mais periféricas, no que concerne ao poder aquisitivo.

Na comunicação oficial, as relações hierárquicas determinam variantes lingüísticas a serem cuidadosamente observadas, sob risco de se ferirem as regras do jogo comunicativo. Dessa forma, à escolha do expediente utilizado somam-se a *adequação do vocabulário* e o *registro lingüístico*, respeitando-se rigorosamente tais relações: o formalismo de que se reveste o expediente encaminhado a superiores não se aplica à coloquialidade de mensagens trocadas entre colegas de setores diferentes de um órgão público. Assim, para expressar-se adequadamente, o falante/redator poderá recorrer à riqueza de nossa língua.

FORMAS de TRATAMENTO, ABREVIATURAS e VOCATIVOS



Na comunicação oficial (oral ou escrita), o emissor se dirige com frequência a receptores que exercem função hierárquica superior à sua, interna ou externamente, cabendo-lhe, pois, selecionar a forma de tratamento que respeite a necessária formalidade. O quadro que segue apresenta resumo das formas mais usadas, com abreviatura e vocativo correspondentes, e a quem se destinam.

FORMA	ABREVIATURA	VOCATIVO	USADA PARA
Vossa Excelência ou Sua Excelência	Não se usa	Excelentíssimo Senhor... (cargo respectivo)	Presidente da República, Presidentes do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal
Vossa Excelência ou Sua Excelência	V. Ex. ^a S. Ex. ^a	Senhor ... (cargo respectivo)	Vice-Presidente da República, Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, Chefe do Gabinete Pessoal do Presidente da República, Procurador Geral da República, Governadores e Vice-Governadores de Estado, Chefes de Estado Maior das Três Armas, Oficiais-Generais das Forças Armadas, Embaixadores, Secretários-Executivos de Ministérios, Secretários de Estado dos Governos Estaduais, Prefeitos Municipais, Presidentes, Vice-Presidentes e Membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, Presidentes e Membros de Tribunais, Presidentes e Membros das Assembléias Legislativas Estaduais, Presidentes das Câmaras Municipais, Juizes, Desembargadores e Auditores da Justiça Militar.

FORMA	ABREVIATURA	VOCATIVO	USADA PARA
Vossa Senhoria ou Sua Senhoria	V. S. ^a S. S. ^a	Senhor ... (cargo respectivo)	Demais autoridades e particulares
Vossa Magnificência ou Sua Magnificência	V. Mag. ^a S. Mag. ^a	Magnífico Reitor	Reitores de Universidades
Vossa Santidade ou Sua Santidade	V.S. S.S.	Santíssimo Padre	Papa
Vossa Eminência ou Sua Eminência	V.Em. ^a S.Em. ^a	Eminentíssimo Senhor Cardeal	Cardeais
Vossa Excelência Reverendíssima ou Sua Excelência Reverendíssima	V. Ex. ^a Rev. ^{ma} S. Ex. ^a Rev. ^{ma}	Reverendíssimo Senhor (cargo respectivo)	Arcebispos e Bispos
Vossa Reverendíssima ou Sua Reverendíssima	V. Rev. ^{ma} S. Rev. ^{ma}	Reverendíssimo Senhor (cargo respectivo)	Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos
Vossa Reverência ou Sua Reverência	V. Rev. ^a S. Rev. ^a	Reverendo Senhor (cargo respectivo)	Sacerdotes, clérigos e demais religiosos

Adaptado do *Manual de redação oficial do Estado do Rio de Janeiro* por Helenice Valias

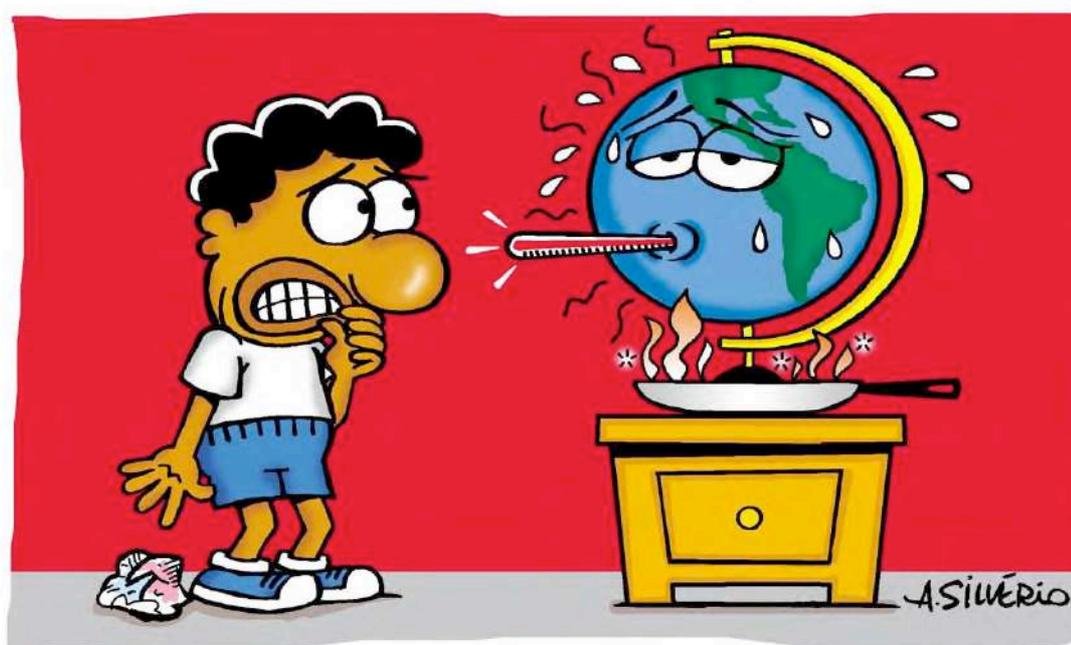


A TERRA, NOSSA CASA

Colega Professor,

Nesta seção buscamos constante diálogo com a temática, sugerindo meios e modos de, no micromundo – a sala aula –, vislumbrar propostas consistentes para o macroambiente – nosso planeta –, maior herança que recebemos e que legaremos às próximas gerações.

A ESCOLA E O MEIO AMBIENTE



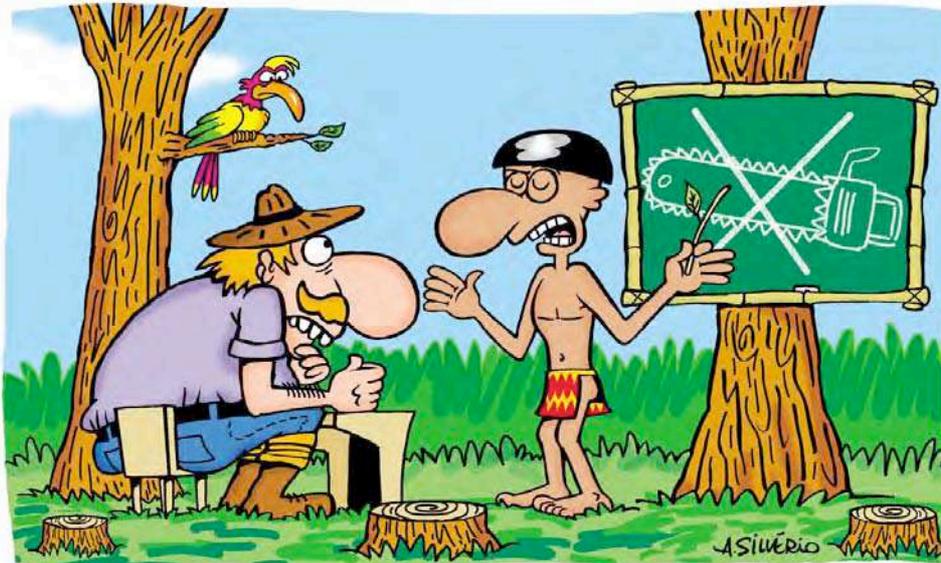
Recentemente a preservação ambiental surgiu como intensa e alarmante preocupação no noticiário, especialmente após a publicação dos prognósticos, para o final do século XXI, do *Painel Intergovernamental de Mudanças no Clima* (IPCC, em inglês) que, desde 1988, estuda o assunto por iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU). Nele se afirma que, em breve, haverá:

Aumento da temperatura da Terra em 2°C a 4°C, degelo das calotas polares e da Groenlândia (com provável desaparecimento da camada de gelo da região ártica no verão), elevação dos níveis dos oceanos em 28 a 43 cm – suficiente para desalojar populações inteiras de áreas litorâneas –, secas, ciclones e enchentes mais intensas e frequentes, com gravíssimos efeitos sobre a agricultura e a economia mundial, principalmente nos países mais pobres.

Sabemos que a natureza é dinâmica e que sofre permanentes modificações; agora, entretanto, a aceleração das mudanças é atribuída às emissões de gases do efeito estufa, especialmente o dióxido de carbono (CO₂), o metano e o óxido nítrico, cujas concentrações atmosféricas aumentaram exponencialmente desde 1750, pelo uso de combustíveis fósseis: derivados de carvão mineral e petróleo.

O 3.º *Painel*, 1995, foi decisivo para a elaboração do *Tratado (Protocolo) de Quioto*. O 4.º é o mais rico em detalhes. Rajendra Pachauri, presidente do IPCC, espera que ele provoque medidas efetivas de controle da emissão dos gases do efeito estufa, pretendendo que “o relatório deixe as pessoas chocadas e leve os governos a agir com mais seriedade”.

Por outro lado, é necessário saber que o aquecimento global não é o único dos graves problemas que a humanidade tem causado ao meio ambiente. Há ainda o desmatamento, as queimadas, a contaminação das águas, a caça e a pesca predatórias, o uso indiscriminado de fertilizantes, defensivos agrícolas, inseticidas e pesticidas, o mau uso e o desperdício dos recursos naturais, a contaminação ambiental por lixo e detritos de toda a ordem, as grandes obras de engenharia feitas sem a devida avaliação de seus impactos, dentre outros.



Para muitos brasileiros, o tema *cuidado e preservação ambiental* é aparentemente novo, entretanto nossa História comprova que o assunto é objeto de antiga preocupação, tanto de nossos indígenas quanto de brasileiros ilustres, como José Bonifácio de Andrada e Silva (1763–1838) e D. Pedro II (1825–1891).

José Bonifácio, em 1802 (!), em Portugal, já falava sobre os bosques e sua utilidade. Sobre o Brasil, escreveu: ... “a natureza fez tudo em nosso favor, nós porém nada temos feito a favor da natureza”... D. Pedro II, que teve Bonifácio como um de seus tutores, promoveu, em 1861, o reflorestamento da Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, preocupado com a falta d’água na cidade. A floresta fora devastada pela extração de madeira para lenha, construção naval e pelo plantio de cana-de-açúcar e café, desde o século XVI.

Arrogantemente, os homens ditos *civilizados* se consideram *senhores da criação*, com poder de vida e morte sobre os seres do planeta, inclusive seus semelhantes, diferentemente das sociedades ditas “primitivas”, que sempre consideraram a natureza como mãe e a trataram com respeito. Nossos indígenas, considerados por muitos como *selvagens*, desmatavam apenas o necessário à agricultura, mas deixavam a vegetação se recompor pelo rodízio de cultivos e repouso da terra, não caçavam nem pescavam *por esporte*. Entretanto, ao ignorar o direito à vida dos outros entes, dispondo arbitrariamente dos recursos naturais, do espaço e do tempo, o homem vai restringindo seu próprio direito à existência, como se vê hoje.

Cumprindo seu papel social, à escola cabe ressaltar que as relações dos grupos humanos com a Terra devem ser tratadas com seriedade, pois é falsa a noção de que os recursos naturais são inesgotáveis e que a natureza de tudo se refaz. No entanto, temos utilizado os recursos da minúscula nave espacial em que vivemos muitas vezes predatória e irresponsavelmente.

Na escola brasileira, a preocupação ambiental não pode se resumir ao *não matem baleias*, algo intangível e romântico para nossos alunos. Tal cuidado deve começar pela limpeza das salas e de

outros espaços, mantida por professores, alunos e demais membros da comunidade. Do exemplo da escola, aplicado ao trato do próprio corpo, à casa e à vizinhança, o aluno poderá extrapolar a experiência para o mundo: *ecologia começa em casa* – e a escola é também a casa dos alunos.



Foto do autor

Uma sala de aula suja e desarrumada reflete a maneira do educador e do educando encararem o espaço que ocupam em casa, no bairro e na cidade. Cada folha de papel inutilizada é parte de uma árvore que foi derrubada e deixou de cumprir sua tarefa de filtro atmosférico, retentor de umidade no solo e na troposfera.

Para que se avalie o significado do que se aprende na escola, recordamo-nos de uma professora, hoje ocupante de importante cargo público, que por ter participado da patrulha escolar de trânsito, quando menina, não consegue cometer qualquer infração de trânsito, por mais insignificante que seja, pois lhe vem à memória o que aprendeu na infância.

Certo diretor de escola pedia aos alunos, ao início de cada dia letivo, que examinassem sua sala de aulas e verificassem se estava limpa. Sugeriu ele que, ao final do horário, os alunos deixassem para a próxima turma a sala tão limpa quanto a haviam recebido. A persistente medida despertou nos alunos o cuidado com o meio ambiente imediato: a sala de aulas e a escola.

Procedimentos simples, como os apontados, podem inculcar no aluno valores de respeito e preservação do espaço e da comunidade, sem necessidade de campanhas publicitárias caras e malsucedidas, como aconteceu com a do *Sugismundo*, há alguns anos, na qual o desordeiro virou herói gaiato. Se os alunos interiorizarem a sadia preocupação ambiental cultivada pela escola, serão como a patrulheirinha: jamais se permitirão prejudicar o meio ambiente – nosso lar.

John Wesley Freire
Professor de geografia e produtor de rádio e tv

Referências

Na bibliografia: MELLO FILHO, Luiz Emygdio et alli. *Meio ambiente & Educação*. Gryphus, 1999.
Na internet: pt.wikipedia.org; www.historianet.com.br; www.multirio.rj.gov; www.unesco.org.br/; www.mct.gov.br/; www.ibict.br/; www.mre.gov.br/; www.ambientebrasil.com.br; www.scielo.br/; www.abc.org.br/; www.vitaecivilis.org.br/

Anexamos a este artigo o vídeo da manifestação de uma jovem canadense na *Conferência da Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, a *ECO 92*, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, que, infelizmente, não foi tão divulgado quanto mereceria.

CONTO, CANTO E ENCANTO

Esta seção é para aquele leitor que é suficientemente criança para gostar de coisas simples e despreziosas; para aqueles que adolescentemente contestam e se empenham – na mesma medida – para realizar aquilo que querem; para os adultos produzirem uma releitura, imprimirem o olhar próprio de quem acredita que arte é um caminho inesgotável de produção de significados.

Como temática, este número é dedicado ao “pecado” e à “virtude”... E haja simbologia...

Nos dias atuais tem-se falado muito sobre os “sete pecados capitais”. Novelas, jornais e programas de televisão abordam a questão. Você saberia dizer quais são eles?

Lembrando os Sete pecados capitais



Preguiça
Aversão ao trabalho
Indolência
Morosidade
Negligência
Moleza

Inveja
Mistura de ódio e desgosto,
provocado pela prosperidade ou alegria
alheia.
Desejo de possuir o bem que outro possui
ou desfruta.



Gula
Excesso na comida e bebida
Apego exagerado a fartas iguarias



Soberba
Conceito elevado que alguém tem de si
mesmo
Arrogância
Amor próprio exagerado
Orgulho





Luxúria
Amor aos prazeres da carne
Lascívia
Libertinagem
Corrupção

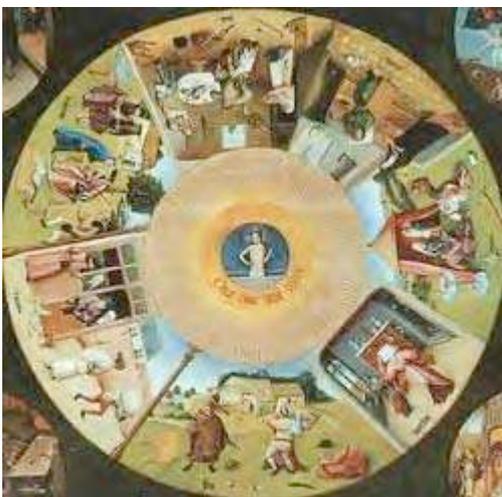
Avareza
Cobiça
Apego excessivo ao dinheiro
Desejo intenso e violento de possuir
alguma coisa
Concupiscência



Ira
Raiva
Ódio
Paixão que nos incita contra alguém
Cólera
Desejo de vingança

Como seria a representação desses pecados, por imagens, levando em consideração cenas do cotidiano? Você seria capaz de realizar esta tarefa? Mãos à obra.

Bosch¹ imaginou estas ilustrações para os pecados



¹ Hieronymus Bosch ou Jeroen Bosch (1450-1516), pintor e gravador dos séculos XV e XVI, pouco se sabe com certeza. Nasceu na pequena cidade de Hertogenbosch (Bosque do Duque), localizada no que é, hoje, a Holanda. A boa situação econômica em que viveu lhe permitiu certa liberdade de expressar suas idéias na pintura. É conhecido por suas enigmáticas pinturas impregnadas de fantasias, vivências populares e crítica às instituições e costumes, além dos movimentos espirituais da época. Muitos de seus trabalhos retratam cenas de pecado e tentação.

Passa o cursor sobre a imagem, marque *Ctrl*, clique sobre a imagem e poderá, seguindo as instruções, acessar a Wikipédia – a enciclopédia livre.

Mas... sonhemos com as virtudes

Você seria capaz de listar algumas virtudes que possam fazer contraponto aos sete pecados? Prepare-se, e já...

Pesquise com amigos, na internet, e tente listar o maior número possível de virtudes.

Faça também com elas representação por imagens. Lembre-se: você pode recorrer à pesquisa inicial. Seja criativo. Sua imaginação é o que conta.

Até aqui valeu a imaginação, a pesquisa, a troca de saberes entre você, as mídias e os amigos. Daqui em diante vale a tradição oral: o boca-a-boca, os "causos" e histórias de "há muito e muito tempo"...

A lenda do Amor (Conto de tradição oral)

Era uma vez, no início dos tempos, um mundo em que não havia ainda nem homens, nem mulheres. Apenas uns sentimentos vagavam pelo planeta.

Numa tarde chuvosa, os sentimentos não sabiam o que fazer.

O Tédio bocejava. A Tranquilidade fazia alongamentos, quando a Ternura então propôs brincar de esconde-esconde. Todos acharam uma ótima idéia.

A Alegria logo pulou: "Oba! Que maravilha!"

Quer dizer, nem todos, porque o Ódio foi logo dizendo: "Eu não vou. Eu não gosto deles!"

E a Verdade preferiu não se esconder. Para quê? De qualquer maneira ela sempre acabava aparecendo.

A Soberba disse que era uma brincadeira de bobos. É claro. A idéia não tinha sido dela...

E a Covardia preferiu nem se arriscar...

Mas a Amizade disse:

– Ah! Que coisa boa, estamos todos juntos.

A Loucura quis ser o pegador. Mas a Inveja foi logo dizendo:

– Por que ela, sempre ela? Só porque ela é louca ???

Mas a Loucura, a essa altura, já tinha começado a contar: "98, 27, 35, 44, 55, 63 ...".

Enquanto isso, os sentimentos começaram a se esconder um a um.

Mas o Amor não sabia onde esconder-se.

Pensou em ficar atrás da roseira, mas achou que logo a Loucura o encontraria. Foi aí então, que resolveu enterrar-se, entre as raízes da roseira.

Foi o tempo exato para que a Loucura terminasse a contagem: "99, 1. Lá vou eu...".

Mal abriu os olhos e quem achou do seu lado? A Preguiça, que não tinha nem saído do lugar.

Caiu um raio que iluminou o céu e ela viu um dos sentimentos que ainda tentava se esconder, ora atrás duma árvore, ora atrás de outra...

Era a Dúvida.

Depois, de uma só vez, encontrou dois, pois a Inveja, é lógico, tinha se escondido bem à sombra do Sucesso.

A Loucura começou a sentir um cheiro horrível, nojento mesmo. Aproximou-se do lixo e encontrou a Injustiça.

Andou mais um pouco e encontrou logo três: debaixo de uma pedra, num lugar muito úmido e sombrio, encolhida em posição fetal estava a Tristeza e, em cima da pedra, esperando os raios de sol voltarem, estavam a Alegria e a Exuberância.

E assim, a Loucura foi encontrando um a um todos os sentimentos.

Mas, nada de encontrar o Amor. Procura daqui, procura dali, e nada...

Então, a Traição aproximou-se dela e disse baixinho:

– Tá na roseira.

Mas a Loucura estava tão enlouquecida, que nem prestou atenção.

A Traição falou mais alto:

– Está escondido nas raízes da roseira!

– A Loucura então, mais louca do que nunca, aproximou-se da roseira e arrancou-a de uma vez, com raiz e tudo, ferindo assim os olhos do Amor, que começaram a sangrar.

A Loucura, desesperada, perguntou:

– Amor, o que foi que eu fiz?

– Tu me cegaste – disse o Amor.

– O que eu posso fazer por ti, Amor?

– Eu creio que agora, terás que ser o meu Guia.

E deste dia em diante o Amor é cego e, pra dar certo, tem que andar assim, oh, juntinho da Loucura!

Intercâmbio de linguagens

Se você curte cinema.

Se gosta de um bom filme de suspense.

Se admira o diretor David Fincher.

Se valoriza Brad Pitt e Morgan Freeman como atores.

E, se além de tudo isso, gosta de saber o que rolou nos bastidores, as cenas que foram cortadas, os erros de filmagem...

Vá até uma locadora e alugue **"SEVEN"**.

**Organize a sessão pipoca,
Reúna os amigos, e bom filme!**



O filme (1995) é de David Fincher. Conta a história de assassinatos em série, cujo criminoso utiliza os sete pecados para escolher suas vítimas. Suspense e terror são assustadoramente bem costurados pelo diretor e roteirista; o filme é realisticamente cruel pelo desempenho dos atores. Haja adrenalina.

Até a próxima edição!

Edwiges Rosalia Ferreira
Coordenação de Projetos Culturais da Seeduc

ESTEJA LEGAL

Colega professor,

A escola se depara hoje com desafios jamais enfrentados no cotidiano de desvalorização, de desrespeito e de descaso para com a vida e para com os valores humanos. Isso se reflete no fazer da escola que, como espelho da sociedade, se debate para encontrar formas de vencer tais desafios.

As leis ao regularem as relações, estabelecendo normas para todos, independentemente de posições sociais ou hierárquicas, devem ser cumpridas, portanto é faz-se necessário difundí-las, pois conhecê-las propicia seu cumprimento.

Desde a Antiguidade, as sociedades buscaram estabelecer normas de relacionamento social. A primeira experiência conhecida de organizar as relações humanas, definindo-as por escrito, data do séc. XVIII a.C. – o *Código de Hamurabi* (rei da Babilônia – 1780 a.C): 282 leis gravadas num bloco de basalto, conservado no Museu do Louvre, em Paris.

Ainda que variem os conceitos de Justiça, Moral e Ética, ao longo do tempo e conforme costumes e tradições culturais de cada povo, o estabelecimento de leis constitui tentativa de evitar abusos do poder e impor respeito pelos direitos e deveres a todos os agentes sociais que compõem uma nação. Assim, juridicamente falando, lei é regra de conduta humana instituída e imposta aos cidadãos de um Estado, a fim de reger a sociedade.

As normas e leis baseiam-se na Ética, parte da Filosofia que discute o bem comum, ou seja, o predomínio do interesse da sociedade em contraposição ao interesse individual.

Para a ética, os interesses da coletividade se sobrepõem aos do indivíduo. A ausência ou o enfraquecimento das normas

sociais de um de grupo social e a desorganização decorrente criam a *anomia*.

Pela Constituição Brasileira – nossa *lei maior*, as leis são formuladas por propostas do executivo, do legislativo ou do judiciário. Ela é discutida, votada e aprovada (pelo legislativo). Se for vetada pelo executivo (o que é pouco comum), o legislativo poderá

derrubar o veto e sancioná-la. Depois, em ambos os casos, ela é promulgada (determinado seu cumprimento) e publicada (para que não se alegue ignorá-la), passando a vigorar a partir de determinada data.

Ao exercer suas funções, os servidores públicos se obrigam a colocar o interesse coletivo acima do particular. O professor, referência para os educandos, tem o compromisso de fazer da democracia – governo da maioria pela maioria, sob a égide da lei – sua principal ferramenta educativa.



Código de Hamurabi

John Wesley Freire
Professor de geografia e produtor de rádio e tv

FALA, PROFESSOR

Colega professor,

Este espaço lhe é reservado, para que comente a nossa revista e dê sugestões ...

Utilize o e-mail educacaoemlinha@educacao.rj.gov.br para comunicar-se conosco.

